**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

SOLANGE MENDES E SILVA SANTOS

**Contação de história nas bibliotecas dos CEUs:
a prática na diversidade de atividades oferecidas**

São Paulo

2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**Contação de história nas bibliotecas dos CEUs:
a prática na diversidade de atividades oferecidas**

Solange Mendes e Silva Santos

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

Orientador: Profa. Dra. Jane Aparecida Marques

São Paulo

2019

Contação de história nas bibliotecas dos CEUs: a prática na diversidade de atividades oferecidas¹

Solange Mendes e Silva Santos²

Resumo: Este estudo busca analisar a predominância da contação de histórias como atividade cultural nas Bibliotecas dos CEUs da cidade de São Paulo. Apresenta, através de revisão de literatura e pesquisa documental, as características deste tipo de biblioteca e de suas ações culturais. Buscou-se verificar a situação atual destas bibliotecas consideradas híbridas e as causas da predominância das contações de história na diversidade de atividades oferecidas. A partir de entrevistas com bibliotecários e levantamentos documentais foi possível perceber divergências entre a formação dos profissionais e as necessidades práticas da profissão; e entre as ações culturais de bibliotecas híbridas e a condução dos gestores públicos.

Palavras-chave: Biblioteca de CEU. Ação Cultural em Biblioteca. Bibliotecários – profissão. Contação de histórias.

Resumen: Este estudio tiene por objeto analizar la predominancia del cuentacuentos como actividad cultural en las Bibliotecas de los CEUs de la ciudad de São Paulo. Presenta, a través de revisión de literatura e investigaciones documentales, las características de este tipo de biblioteca y de sus acciones culturales. Se procuró verificar la situación actual de estas bibliotecas consideradas híbridas y las causas de la predominancia de los cuentacuentos, en la diversidad de actividades ofrecidas. A partir de entrevistas con bibliotecarios y levantamientos documentales fue posible percibir divergencias entre la formación de los profesionales y las necesidades prácticas de la profesión; y entre las acciones culturales de bibliotecas híbridas y la conducción de los gestores públicos.

Palabras clave: Biblioteca de CEU. Acción Cultural en Biblioteca. Bibliotecarios – profesión. Cuentacuentos.

Abstract: The objective of this study is to analyze the predominance of the storyteller like activity cultural in the libraries of the CEUs of the São Paulo City. It presents, through of the literature review and documentary research, the characteristics of this type of library and its cultural activities. It has sought to verify the current situation of these libraries considered hybrid and the causes of the predominance of the storytellers, in the diversity of activities offered. Based on personal interviews with librarian and documental surveys it was possible to note divergences between the vocational training and the practical needs of the profession; and between the cultural activities of the hybrid libraries and the construction by the public managers.

Keywords: Library of the CEU. Cultural activity in Library. Librarians – profession. Storytelling.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos

² Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais no Centro de Estudos Latino-Americanos Sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Graduada em Biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Orientação da Profa. Dra. Jane A. Marques.

AGRADECIMENTOS

Aos professores que ensinaram com paciência e bom humor durante o curso.

Aos funcionários do CELACC e da USP que mantiveram o ambiente organizado e confortável para que as horas dos sábados fossem mais agradáveis.

Aos colegas de turma, por compartilharmos textos, angústias e boas risadas.

À professora Jane Aparecida Marques, que em sua orientação demonstrou tanta compreensão e generosidade. Suas orientações serão para minha vida.

À minha gestora Elaine, por sua compreensão e apoio.

Aos colegas bibliotecários entrevistados que responderam às perguntas de coração aberto e com interesse por nossa profissão e por nossas bibliotecas.

Ao meu amado marido, por sua parceria, compreensão, incentivo e apoio.

À Deus que nos criou, nos ama e nos sustenta.

1. INTRODUÇÃO

Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP) foram criados para serem polos de educação integral, cidadã e de desenvolvimento da comunidade local. Administrados atualmente pela Secretaria Municipal de Educação (SME), os CEUs foram criados nas periferias da cidade, dispondo de espaços, equipes e equipamentos para a realização de atividades culturais, esportivas e de assistência social, além das aulas nas unidades escolares. Nesse contexto as bibliotecas públicas de cada CEU devem atender todo seu entorno e comunidade escolar, com atividades culturais e de incentivo à leitura integradoras, emancipatórias e diversas. Atualmente, no entanto, os bibliotecários desses espaços sentem que as práticas de contação de histórias e mediação de leitura são em número muito maior que quaisquer outras. A autora deste estudo, bibliotecária de CEU, chegou a ter problemas de saúde relacionados à voz devido ao excesso de realização de contações e mediações às turmas escolares, o que motivou o questionamento, que se tornou o problema de pesquisa: por que há um predomínio das atividades de contação de histórias e mediação de leitura em detrimento de outras possibilidades de projetos culturais e de fomento leitor.

Para entender a atual situação este estudo buscou considerar as diferentes forças que concorrem neste cenário. Buscou-se estudar as ações da gestão pública que, mesmo sob comando de partidos políticos diferentes ao longo dos anos, age de forma semelhante, com omissão ou pressionando por realização de contações de histórias. Buscou-se também observar a perspectiva dos bibliotecários, motivados por concepções diferentes sobre o tema, e que às vezes atuam sob pressão.

Este trabalho, de natureza qualitativa e exploratória, pretendeu ir às bases do problema, apresentando levantamento teórico da área de Biblioteconomia e de áreas afins para ampliar a discussão. Para melhor dimensionamento da atividade de contação de história frente às outras que acontecem nos CEUs foram feitos também levantamentos documentais. A um grupo de bibliotecários foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e também a uma bibliotecária que anteriormente realizou um estudo sobre as bibliotecas dos CEUs. No caso dos gestores públicos, ainda que não haja abertura para entrevistas, publicações e comunicações oficiais ofereceram informações para análise das decisões administrativas: editais de concursos públicos, decretos e entrevistas. Também foram analisadas as grades

curriculares de instituições de ensino superior que oferecem a graduação em Biblioteconomia, comparando a formação do profissional de biblioteconomia, às formalidades dos editais de concurso público, e o que é exigido dele na prática.

2. BIBLIOTECA DE CEU E SEU PROPÓSITO

Antes de buscar compreender as atividades que devem ou podem ser oferecidas pelas bibliotecas dos CEUs, é oportuno explorar um pouco sobre o ambiente que as cercam, e suas funções dentro deles.

Os CEUs³ foram concebidos originalmente tendo como benefício um histórico de experiências em várias regiões do país, considerando os avanços e fracassos das realizações anteriores, que se propunham a implementar projetos pedagógicos voltados às classes menos favorecidas, como a Escola Parque de Anísio Teixeira (1950, Bahia), as "Praças de Equipamentos" de Mário de Andrade (1930, São Paulo), os "Centros Integrados de Educação Pública" (Cieps) de Darcy Ribeiro (1983-1987, Rio de Janeiro), os "Programas de Formação Integral da Criança" (Profics, 1986, São Paulo), os "Centros Integrados de Atendimento à Criança" (Ciacs) e os "Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente" (Caics) do Governo Federal (1994), (GADOTTI, 2004, p. 14). O projeto CEU foi integrador, não apenas administrativamente, pois foi necessária integração entre as secretarias municipais, mas também na concepção, desde a arquitetura, o mobiliário, e a preocupação em aliar ideias como diversidade, tecnologia, educação em rede, protagonismo infanto-juvenil e desenvolvimento comunitário. Por isso também foram localizados em regiões periféricas, as mais pobres da cidade de São Paulo.

É importante ressaltar que mesmo com problemas e deslizes, e não tendo alcançado muitos dos objetivos originais, os CEUs do município de São Paulo são considerados um projeto exitoso, replicado em outras cidades, como Guarulhos, São Bernardo do Campo, Jundiaí e Osasco. Disputado por políticos nas campanhas eleitorais, deixou de ser bandeira partidária, passando a consenso entre candidatos

³ Cada CEU é formado por 3 Núcleos: Educacional (formado por um Centro de Educação Infantil- CEI, com a creche, uma Escola Municipal de Educação Infantil- EMEI, com a pré-escola e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental- EMEF, com as turmas de 1º a 9º anos), Cultural (Salas Multiuso, Teatro, Biblioteca, Padaria e Telecentro) e Esportivo (Piscina, Quadras poli-esportivas e Salas Multiuso), além da administração central.

por sua grande aprovação pela população. Atualmente a rede paulistana conta com 46 CEUs em funcionamento e há mais 8 em construção, com previsão de entrega até 2020. Dentre estes há diferenças arquitetônicas, o que traduz também as diferenças entre as concepções dos projetos nos diferentes mandatos políticos. No entanto, há sempre algo da ideia original, que segundo Gadotti e Perez (2004) foi:

[...] um projeto de educação popular que tinha como princípio a educação cidadã, na qual o povo é visto com dignidade e respeito. O projeto dos CEUs foi concebido, desde sua origem, como uma proposta intersetorial, somando a atuação de diversas áreas, como: meio ambiente, educação, emprego e renda, participação popular, desenvolvimento local, saúde, cultura, esporte e lazer. Os CEUs inspiram-se na concepção de equipamento urbano agregador da comunidade, com uma visão de educação que transcende a sala de aula e o espaço escolar (GADOTTI; PEREZ, 2004, p. 15).

Neste contexto todos os projetos de CEUs incluíram além das “salas de leitura” das escolas, que no Brasil servem como biblioteca escolar, também uma biblioteca independente, que pode ser categorizada como “biblioteca pública”, especialmente levando-se em conta definições consagradas na Biblioteconomia acerca do termo, Flusser (1983), Milanesi (1983, 2002), Mueller (1984), UNESCO (1994), Biblioteca Nacional (1995), Fonseca (2007), Medeiros (2010), e Silveira e Reis (2011). E, ainda que haja afinidades entre conceito e missão de bibliotecas pública e escolar, destaca-se aqui que cada biblioteca de CEU, que é aberta ao público em geral, não é gerida exclusivamente como uma unidade escolar e, principalmente, tem aspirações muito mais amplas que uma biblioteca escolar.

A origem do termo, traduzido do inglês, *public library*, não evocava exclusivamente a ideia de “biblioteca gerida por órgão estatal”, como ocorre no Brasil. Antes evocava a ideia de uma biblioteca para todos, para o povo, como salienta Fonseca (2007, p. 55).

A biblioteca infantil, a biblioteca escolar, a biblioteca universitária, a biblioteca especializada e a biblioteca nacional são peças indispensáveis numa rede bibliotecária que sirva de infra-estrutura ao sistema nacional de informação. A biblioteca pública, entretanto, é a mais importante de todas as categorias, pois, além de seus objetivos específicos, pode complementar as atribuições das demais categorias e até, com serviços adequados, substituir algumas delas, como a infantil e a escolar. Como costumam dizer os ingleses, “tudo para todos é exatamente o que a biblioteca pública deve ser” (FONSECA, 2007, p. 56).

Pensando em como essa biblioteca se encaixaria nos objetivos do CEU arrolam-se também as missões-chaves da biblioteca pública que, ainda com vários

debates e reflexões ao longo de décadas, em certa medida foram consolidadas pelo Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas (1994):

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e a auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis;
3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo;
7. Fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
10. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
12. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários (UNESCO, 1994, [s.p.]).

Valores como participação, desenvolvimentos individual e comunitário, e acesso democrático e diversificado à informação e à cultura estão presentes nas duas concepções quanto à razão de ser de CEUs e de bibliotecas públicas, no entanto, a realidade mostra que há lacunas nos percursos. Não se trata de imperfeições isoladas, podendo algumas vezes ser constatadas em diversos outros modelos de CEUs e de bibliotecas, públicas ou não. Sabe-se que tanto para CEUs quanto para quaisquer bibliotecas públicas há sempre uma diferença entre o idealizado e o realizado, tendo em conta os diversos fatores que influenciam os processos: interesses políticos, diferentes perspectivas dos agentes envolvidos, limitações financeiras, divergências de hábitos consolidados etc. Com os CEUs e suas bibliotecas não foi diferente, o que suscitou diversos estudos acadêmicos.

Destaca-se aqui o trabalho de Lemos (2012), que trata especificamente das bibliotecas e sua relação com o espaço (o CEU e a periferia), onde se comparou a proposta inicial para as bibliotecas dos CEUs e o que de fato se realizou. A pesquisa mostra que já desde o início se almejava uma biblioteca que seguisse as mesmas diretrizes educativas do CEU, todavia sem levar em conta o histórico das bibliotecas públicas no Brasil (principalmente as de São Paulo):

A biblioteca do CEU foi na contramão das bibliotecas públicas: surgiu ligada à função educacional, embora não mais associada à pesquisa escolar feita nas décadas de 1970 e 1980: agora essa biblioteca nasce para ser um espaço de aprendizagem[...]. Para alguns autores, a formação não ocorre somente na sala de aula: múltiplos espaços oferecem múltiplas formas de aprender. Dessa maneira, a proposta do CEU previa que todos os núcleos e todas as atividades geradas em seu espaço fossem intencionalmente educacionais[...]. A ideia era a biblioteca ser um espaço informacional e

cultural aberto a toda a comunidade, que não se restringisse ao currículo escolar, mas que estivesse ligada ao universo da educação não formal (LEMOS, 2012, p. 75).

Essas ideias iniciais sempre nortearam as atividades das bibliotecas dos CEUs, no entanto, desde o início não há acordo sobre a prática. A ideia de juntar a função de biblioteca pública e escolar poderia parecer algo novo aos idealizadores dos CEUs, mas isso já ocorria nas bibliotecas públicas, não de forma intencional, estruturada ou bem-sucedida, situação que sempre rendeu críticas dos teóricos da Biblioteconomia (na inoperância ou inexistência da biblioteca escolar, a pública é usada para pesquisas escolares limitadas e ineficientes). Assim essa combinação ganhou nova denominação, “*biblioteca híbrida*”, muito preconizada inicialmente em documentos oficiais, reportagens e entrevistas na fase de implementação do projeto (LOYOLA, 2003; ANELLI, 2004; SÃO PAULO, 2005).

Na Literatura especializada em Biblioteconomia, o “hibridismo” das bibliotecas se refere ora à tipologia e propósitos, ora aos ambientes, produtos e serviços. A maioria dos autores considera o hibridismo quando se refere à variedade de tecnologias, e à integração entre “físico” e “virtual”, como Tamaro; Salarelli (2008, p. 118) e Garcez e Rados (2002, p. 47). Já autores como Assis Neto (2005, p. 33 e 35), Matos, Oliveira e Aguiar (2012, p. 17), e mesmo Lemos (2012, p. 88) denominam “bibliotecas híbridas” aquelas que apresentam fusão de dois tipos de bibliotecas, abarcando diferentes públicos e objetivos. Por isso esse trabalho não entra nesta questão. Tem-se tratado as bibliotecas dos CEUs como “bibliotecas públicas”, porque se entende que há maior correspondência entre essa categorização de bibliotecas, com todas as suas características plurais e a realidade dos CEUs, além das características administrativas. Considera-se também haver correspondência entre os conceitos freireanos (FREIRE, 1981, 2006) que nortearam a concepção dos CEUs (alguns dos quais estão citados mais adiante) e o já citado Manifesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas (UNESCO, 1994), que indicam que essas bibliotecas devem apoiar a auto-formação e a educação para a cidadania.

Segundo Lemos (2012, p. 131), a proposta inicial da SMC, aparentemente inovadora para as bibliotecas dos CEUs, “se revelou ineficiente”. A pesquisa revela que, na prática, o conceito não foi suficientemente desenvolvido para obter os resultados desejados. E, observando as já citadas missões-chave da biblioteca

pública, é possível perceber que o que pode parecer inovação conceitual ao longo do processo se mostra mais semelhante a uma “reinvenção da roda”.

O principal problema conceitual se refere ao fato de essas bibliotecas terem a incumbência de cumprir a missão da biblioteca pública e da biblioteca escolar. Para os bibliotecários, o fato de o CEU ser um equipamento muitas vezes confundido com um "escolão" leva a formulações de argumentos que identificam suas bibliotecas como específicas das unidades educacionais que compõem o Centro Educacional, esquecendo que esse papel é oficialmente das salas e dos espaços de leitura. Entretanto, se a biblioteca se assumir inteiramente como uma biblioteca pública, pode cair no erro de ignorar as unidades educacionais e, portanto distanciar-se da ideia de equipamento com finalidade educativa[...]. A ausência de projeto, programas e políticas claras e específicas para a biblioteca do CEU desencadeia dificuldades no processo de familiarização com a comunidade, nas negociações internas no âmbito das relações de trabalho, na estruturação da carreira dentro da SME, nos planos de ação para as práticas informacionais e culturais etc. (LEMOS, 2012, p. 131).

Nota-se que as dificuldades se relacionam com a identidade dessa biblioteca, o que atinge também seu bibliotecário, o que persiste atualmente, mesmo o projeto CEU tendo 15 anos de existência. Ordens advindas de cada gestão, ano a ano, muitas vezes direcionam projetos e serviços da biblioteca, e até mesmo qual público será atendido prioritariamente, deixando outros esquecidos, o que foge aos seus propósitos, considerando tanto os ideais de biblioteca pública quanto dos CEUs.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do fato de que a realidade não tem demonstrado correspondência com os conceitos idealizados, verifica-se a necessidade de uma discussão teórica aliada a uma pesquisa de campo. A metodologia empregada é de natureza qualitativa e exploratória, e seus instrumentos são: revisão de literatura, levantamento estatístico, e aplicação de entrevistas semiestruturadas com bibliotecários atuantes nos CEUs. Fez-se também pesquisa nos documentos públicos disponíveis: legislação em Diário Oficial da Cidade, publicações da SME, e informações disponíveis no *site* da SME, etc. Os dados detalhados das atividades oferecidas foram obtidos apenas de um dos CEUs (o CEU Formosa) por facilitação profissional, uma vez que a autora é funcionária da biblioteca desta unidade.

Para a revisão bibliográfica foi utilizado termos-chave como: “ação cultural”, “biblioteca pública”, “biblioteca escolar”, “contação de história”, “mediação de leitura”,

“centro educacional unificado”, “bibliotecário”, “contador” e “mediador”. Foram selecionados materiais bibliográficos das áreas de Biblioteconomia, Educação, Cultura, Ciências Sociais, colhidos nas fontes primárias e secundárias.

Para sistematizar o levantamento bibliográfico foram usadas as bases de dados e-LIS (E-prints in library & information science), SciELO (Scientific Electronic Library Online), e Google Scholar, e os *sites* da Secretaria Municipal de Educação (SME), do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), e de instituições de ensino superior que oferecem cursos de graduação em Biblioteconomia.

Para as oito entrevistas foram utilizados dois roteiros semiestruturados: um aplicado aos bibliotecários dos CEUs e um aplicado especificamente à bibliotecária e pesquisadora, cuja dissertação está citada neste estudo. A escolha dos bibliotecários dos CEUs considerou o contingente de CEUs por região da cidade de São Paulo: 3 bibliotecários da zona sul, 3 da zona leste, 1 da zona oeste e 1 da zona norte (escolhidos aleatoriamente, apenas dando especial atenção ao CEU Formosa pela facilidade de acesso aos dados disponíveis). As entrevistas foram transcritas (vide Apêndice A) e somente as declarações consideradas mais relevantes estão citadas ao longo deste estudo. No entanto, visando preservar a identidade dos respondentes não será citado o nome e nem a unidade na qual eles atuam.

4. BIBLIOTECA DE CEU E SUAS AÇÕES CULTURAIS

Levando em conta o que foi discutido até aqui sobre as características conceituais das bibliotecas dos CEUs, torna-se mais fácil perceber qual é seu público e as ações culturais que deve realizar. Palavras que podem ser consideradas “chaves” nesse processo são: diversidade, educação, cidadania e auto formação. Por isso, subentende-se que a biblioteca de CEU deve oferecer ações culturais tanto para sua comunidade escolar (que são seus multiplicadores), como para a toda a comunidade de seu entorno, das diferentes faixas etárias; deve oferecer serviços considerando multiplicidade de temas, de abordagens e linguagens; deve estimular a leitura para além dos livros, apegando-se aos conceitos de Freire (2006, p. 9) que afirma que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica sempre a continuidade da leitura daquele”.

Ressalta-se que se reconhece o valor da contação de histórias e da mediação de leitura, para todas as idades e perfis, sua importância e impactos positivos como incentivo à leitura e como função terapêutica. Segundo Caldin (2010, p. 65), autora com pesquisa consolidada sobre contação de histórias e mediação de leitura, livros ficcionais têm potencial terapêutico, pois proporcionam um reequilíbrio da existência àquele que se deixa envolver, se desligando temporariamente do “rolo compressor da tecnologia e volta-se para si mesmo como fonte de conhecimento”, e pode alcançar harmonização com a “essência de existir (pela identificação com as personagens) e se libera (pela catarse)”. Em outro texto, a autora cita também que:

Literatura é, ao mesmo tempo, voz e letra. A voz se faz letra, a letra carrega a voz, que convida à leitura, que cativa o leitor. Nesse percurso, narrador, autor, leitor e ouvinte pervertem a realidade e adentram no mundo ficcional em que o imaginário é experimentado como forma de articulação entre o real e o irreal. A narração e a leitura proporcionam a apropriação da realidade do texto escrito em uma forma de entender o mundo (CALDIN, 2002, p. 25).

Entende-se que no caso das crianças, principalmente daquelas que ainda não foram alfabetizadas, esse tipo de mediação se torna fundamental e quase que exclusivo. Segundo Havelock (1995, p. 27), um estudioso moderno da questão oralidade/escritura, “o ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte”. Por isso, para ele, para que a criança penetre no mundo da cultura escrita é fundamental que passe pela instrução nas artes orais, incluindo canções, danças e recitações, pois “bons leitores surgem a partir de bons falantes, capazes de recitar” (HAVELOCK, 1995, p. 28). Todos os bibliotecários entrevistados declararam acreditar no potencial da contação de história e da mediação de leitura para formar bons leitores, como vemos nos trechos selecionados abaixo:

A criança tem interesse em reler, tem interesse em mostrar o que veio daquele livro... pensando que você faz uma contação com um livro que esteja no seu acervo. Mesmo que não exista o livro no acervo existe um estímulo de retornar... existe uma questão de quando você faz uma contação naquele espaço da biblioteca você o torna um espaço atraente, e faz com que a criança queira voltar, mesmo que ela não tenha um livro em foco para ir lá. (Bibliotecária 8, Zona Norte, novembro de 2018)

Eu acho que a contação de histórias é uma forma de leitura. Eu acho que ela não tem essa leitura dos signos, da palavra escrita, mas ela é uma forma de leitura. Então a criança, ou quem está ali ouvindo a história, está fazendo esse processo dentro dela, está participando mesmo ali quietinha, ela está ali, absorvendo, ela está entendendo, ela está compreendendo. (Bibliotecária 1, ex-funcionária de CEU, atualmente trabalha na Secretaria da Cultura, novembro de 2018)

E eu vejo que crianças, por exemplo, até pequenas, da EMEI principalmente, depois, quando tem o momento para elas folhearem os livros, alguns imitam os gestos da mediação de leitura, da forma de segurar o livro e mostrar para o outro. E até emociona quando a gente vê uma criança imitando esse gesto de contar histórias e de mediar leitura. (Bibliotecária 4, Zona Leste, novembro de 2018)

No entanto, se interessa ter uma biblioteca plural, educativa, é preciso diversificar as atividades oferecidas. Freire (1981, p. 66) apresenta conceitos que, segundo ele, devem permear a idealização das ações culturais, para que estas sejam processos de afirmação do homem como ser consciente de sua realidade: diálogo, conscientização e libertação. Já segundo Coelho (1988, p. 14), uma ação cultural é um processo que consiste na “criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos – sujeitos da cultura, não seus objetos”.

Pensando na própria ideia de CEU, seriam ações que dão voz à comunidade, que dão voz ao entorno. Eu enxergo a biblioteca de CEU muito mais para a comunidade, mais descolada da escola, mas que na prática acaba sendo mais para a escola (risos). Mas, eu acho que as ações culturais que deveriam ser desenvolvidas seriam ações que dão voz à comunidade e que vão ao encontro do que a comunidade precisa. (Bibliotecária 6, Zona Sul, novembro de 2018)

Por isso, insiste-se em que a contação de histórias e a mediação de leitura, por maior potencial que tenham na fruição e incentivo à leitura não podem ser práticas exclusivas (ou quase) de uma biblioteca que se pretenda ser educadora e cidadã. A variedade e abundância são características necessárias ao conjunto de ações culturais de bibliotecas de CEU, como declaram vários bibliotecários entrevistados, dentre eles alguns que têm a contação de histórias como prática cotidiana, e outros que se declaram “sem perfil” para realização dessa atividade:

Acho que tinha que pegar todos os públicos, de 0 a 100 anos. Então, considerar atividades para crianças, primeiro contato com os livros, então aí pode entrar a contação de histórias. Aí eu acho que tem que ter uma coisa mais para um público mais jovem, um clube de leitura, um sarau, uma coisa para adultos também, que daí eu acho que podia ser uma coisa meio ‘biblioterapia’. Olhar como a leitura pode ajudar as pessoas a se entender melhor, e uma coisa para a terceira idade, que daí eu acho que pode entrar tanto o contato com os mais pequenos. Pode ser um “avô conta um conto”, que daí é um avô que entra como mediador de histórias, ou pode ser também atividades manuais, com voluntariado, alguma coisa desse tipo na biblioteca. (Bibliotecária 7, Zona Sul, novembro de 2018)

Então eu amo fazer, mas eu não vejo que seja obrigatório que haja contação de histórias nas bibliotecas dos CEUs, mas atividades de mediação de leitura e de promoção da leitura, que podem ser outras, não obrigatoriamente contação de histórias, porque nem todo mundo tem perfil

para isso. Mas não é por não ter perfil de contador de histórias que ele deva deixar mediação de leitura e a promoção e divulgação do acervo. (Bibliotecária 4, Zona Leste, novembro de 2018)

Eu acho que a contação de histórias é de uma certa forma uma ação que incentiva a leitura, porém não exclusivamente. Não só porque eu não tenho perfil, mas a gente tem várias outras ações que podem fazer isso, como roda de leitura, roda de conversas temáticas, o livro como centro da conversa, jogos literários, tudo que foque a leitura, a gente pode sim trabalhar de forma que incentive o leitor a querer conhecer melhor determinada obra. (Bibliotecária 9, Zona Sul, novembro de 2018)

A diversidade nas ações culturais é especialmente defendida por Oliveira (2010), docente e pesquisadora da área.

A ampliação do acesso a uma grande diversidade de expressões, a possibilidade de conhecer, vivenciar e refletir de maneira crítica, a partir de diferentes linguagens artísticas, são essenciais para a formação de sujeitos que compreendam, criem e sejam atores críticos na proposição de contextos mais democráticos e incluídos (OLIVEIRA, 2010, p. 99).

Isso é aplicável também às ações educacionais. A Unesco (2009, p. 16), por exemplo, declara que a “uniformização de processos e conteúdos” na educação “não respondem às necessidades de todos os educandos do mesmo modo que não respondem às suas condições de vida”. Declara, ainda, que a “promoção do direito à educação [...] e a proteção e promoção da diversidade cultural, convertem a pluralidade num requisito fundamental da educação” (UNESCO, 2009, p. 16).

No entanto as entrevistas mostram que na prática a pluralidade não tem feito parte da realidade dessas bibliotecas:

Eu acho que as bibliotecas... as dos CEUs, as bibliotecas públicas, precisam ter uma diversidade de ações, ao invés de priorizar uma coisa ou outra. Quando você trabalha só a questão da contação... “ah, as pessoas aqui da comunidade só gostam de contação de histórias” [...] eu acho isso uma inverdade! Eu acredito que existam outras pessoas que não frequentam o espaço, as atividades, porque não é atraente para elas. Então eu vejo ainda as bibliotecas dos CEUs muito condicionadas a algumas ações. (Bibliotecária 1, ex-funcionária de CEU, atualmente trabalha na Secretaria da Cultura, novembro de 2018)

Não vejo isso acontecer, de nós analisarmos o que é a necessidade daquele público e considerar o desejo dele e, enfim, fazer um estudo de como fazer ele se envolver nessas ações. (Bibliotecária 8, Zona Norte, novembro de 2018)

Olha, eu acho um desperdício isso aqui... Poderia ter muito mais atividades... Porque até mesmo se pensarmos que a biblioteca do CEU é uma biblioteca híbrida, isso significa que ela deve ser ao mesmo tempo escolar e pública. E isso não é o que ocorre com essa biblioteca aqui. Estamos amarrados às unidades escolares. (Bibliotecária 3, Zona Leste, novembro de 2018)

Um levantamento quantitativo acerca da programação cultural das bibliotecas dos CEUs do município de São Paulo mostra a veracidade destas declarações: utilizando informações do *site* da SME coletadas entre agosto e novembro de 2018 (vide Apêndice B), pode-se dizer que, nas 46 bibliotecas de CEUs foram realizados aproximadamente 1.117 projetos culturais, dos quais 57% foram projetos de contação de histórias e mediação de leitura, e destes 22% realizados por bibliotecários.

Para analisar melhor esses números é preciso considerar outras informações. A primeira delas é que, entre esse período, a SME promoveu a contratação de artistas contadores de histórias profissionais para se apresentarem em diferentes CEUs, e estes foram responsáveis por cerca de 35% da programação cultural deste período. Porém, essas contratações não são regulares, pois não ocorrem todos os anos ou durante todos os meses. Também é importante citar que, nas programações das bibliotecas disponibilizadas no *site* da SME muitas vezes consta a descrição do projeto como “Hora do Conto”, “Mediação de Leitura” ou “Contação de Histórias”, pois na prática os bibliotecários mesclam essas técnicas: ora realizam mediação de leitura acompanhada de livro, ora realizam uma contação de história, com narração mais dramatizada.

Eu tenho buscado sempre mostrar o livro, de onde vem a história. Nem todas as histórias vem de um livro, mas quando vem deve-se mostrar o livro. Fazer algumas atividades de contação de histórias que sejam mais, na verdade, de mediação de leitura, usando o próprio livro, e não outros recursos, como às vezes eu faço também. Então sempre variar entre contações de histórias e mediação de leitura. Porque eu estou falando isso? Porque eu estou diferenciando contação de histórias, aquela que não usa o livro, usa outros recursos como fantoche, ou só a oralidade... e a mediação de leitura que seria a que o livro está presente como centro da história e da mediação. Às vezes... tem 2 histórias? Uma sempre será com o livro presente. Para mostrar: olha, vem daqui! (Bibliotecária 4, Zona Leste, novembro de 2018)

Outra informação a ser esclarecida é a ausência de dados em algumas situações, como no caso da Biblioteca do CEU Navegantes que está fechada por falta de funcionários, ou nos casos de bibliotecas que em alguns meses não enviaram à SME sua programação. Mesmo assim, a diferença entre o percentual de projetos de contação ou mediação, comparativamente com outras atividades é evidente. Essa diferença pode ser ainda maior se pensarmos em número de pessoas atendidas. Em muitos casos, um único projeto de contação ou mediação citado no *site* pode representar a realização dessa atividade várias vezes, em

atendimento às turmas das unidades escolares, o que representaria, por exemplo, o atendimento de dezenas de estudantes, na realização repetida dessa atividade, tudo isso incluído dentro de um único projeto. Enquanto isso, a menção de um projeto de oficina, exposição ou sarau representaria a realização dessa atividade talvez uma ou, no máximo quatro vezes em um mês (quando a atividade é aberta à comunidade e realizada semanalmente ou mensalmente, por exemplo), atendendo um número muito menor de pessoas. Essa percepção é reforçada pela fala dos entrevistados, conforme transcrições apresentadas no Apêndice deste trabalho, onde muitos deles declaram realizar um projeto de contação ou mediação em atendimento às turmas das unidades escolares, e a realização mensal ou semanal de saraus ou oficinas.

Duas das entrevistadas (Bibliotecária 4, da Zona Leste e Bibliotecária 7, da Zona Sul) descreveram que realizam projetos de contação de histórias e mediação de leitura com cada unidade escolar do CEU, preenchendo semanalmente os horários da biblioteca como o revezamento das turmas. Dessa forma, com três projetos atendem a dezenas de estudantes, ainda que para os alunos da EMEF outras atividades sejam também oferecidas, não apenas envolvendo literatura, mas especialmente às voltadas à competência informacional. Já as oficinas que realizam, também semanalmente (um encontro por semana), são direcionadas à comunidade e atendem um número menor de crianças e adolescentes, principalmente em comparação com o número de pessoas atendidas das unidades escolares. Situação parecida foi citada por outros bibliotecários:

A gente chega em uma biblioteca mista, ou híbrida, ou alguma coisa que a gente não conseguiu definir ainda, que tem atendimento à comunidade. Procura fazer um trabalho com essa comunidade quando possível, mas a maior parte da nossa atenção acaba ficando voltada durante a semana para as escolas do CEU. (Bibliotecário 2, Zona Leste, novembro de 2018).

Por questões burocráticas não se teve acesso às estatísticas detalhadas das atividades culturais realizadas em todas as bibliotecas dos CEUs, com exceção da Biblioteca do CEU Formosa, situada na zona leste de São Paulo, pela facilitação profissional. Nessa unidade a verificação foi feita com os números de dezembro de 2017 a novembro de 2018. Mensalmente essa biblioteca declarou na programação mensal enviada à SME, quase que regularmente, três projetos de mediação de leitura/contação de histórias dirigidos às unidades escolares e ocasionalmente mais um ou dois outros projetos (tratando-se algumas vezes de oficinas ou de eventos externos). Porém, cada projeto de mediação/contação representou, na prática,

dezenas de atividades oferecidas às turmas das escolas, com participação de centenas de estudantes, enquanto as atividades dos outros projetos eram realizadas semanalmente ou mensalmente, representam participações bem menos expressivas (dependendo do projeto, entre duas ou trinta pessoas atendidas mensalmente).

No período citado, considerando todos os projetos realizados na biblioteca do CEU Formosa foram realizadas 498 atividades culturais, das quais 468 foram contações e mediações realizadas por bibliotecários para as unidades escolares do CEU (aproximadamente 4512 pessoas participantes), 11 contações enviadas pela SME (com aproximadamente 14 participantes) e 19 eventos externos (com aproximadamente 285 participantes), como uso da biblioteca por grupos diversos. Isso explica a queda no número de atividades culturais nos meses de férias (dezembro a fevereiro e junho a julho). Esta biblioteca está atuando como biblioteca escolar, porém sem estrutura para isso, como vemos nas declarações abaixo:

[...] minha colega bibliotecária efetiva, que gosta dessas atividades, assumiu a tarefa. E ela até me ajudou a desenvolver um pouco nisso, porque quando ela não está, ou quando ela fica sem voz eu faço... Hoje em dia até gosto do contato com as crianças... Mas, se eu pudesse escolher não faria. Não é meu perfil. A gente faz o que pode. Mas, não concordamos totalmente. Nesse CEU a coisa é muito “escolar”. (Bibliotecária 3, Zona Leste, novembro de 2018)

Vejo que as bibliotecárias fazem (a atividade de contação de histórias) com carinho, dedicação, extrapolam até a sua saúde... por excesso dessa atividade. A frequência está muito relativa: tem meses que parece que o pessoal quer “tomar de loucura” isso aqui. Uma contação atrás da outra, durante meses, durante semanas. Depois, de repente para, aí parece que enjoaram dessa atividade, daí não querem vir, daí resolvem dar uma parada. (Bibliotecário 2, Zona Leste, novembro de 2018)

Essa situação faz dessa biblioteca uma sala de leitura “melhorada”, com um serviço de contação e mediação “piorados”, o que ocorre também de forma semelhante em outras bibliotecas, como inclusive alguns entrevistados relataram:

A gente fez durante muito tempo num ritmo muito produtivista, no mesmo dia a gente atendia 9 turmas de CEI, na semana seguinte a gente atendia 18 turmas de EMEI, uma seguida da outra, e a gente percebeu que estava perdendo a qualidade desses momentos, porque virou muito uma coisa de “ah, a gente tem que atender todo mundo”, sem pensar qual era a qualidade que estava sendo oferecida nesses momentos. (Bibliotecária 7, Zona Sul, novembro de 2018)

O volume de turmas atendidas também torna as atividades quase mecânicas e, segundo os bibliotecários entrevistados, tudo se torna desgastante tanto para profissionais quanto para as crianças. Os bibliotecários estão atentos a isso, e

apontam que em alguns casos há outros problemas, de ordem estrutural, que também atrapalham o projeto:

O que sempre entra em discussão lá, é que às vezes eles pedem que isso exista com alguma frequência, mas eu não cedo. Até porque foi o que eu expliquei para eles, para a gestão, que não dá para ficar semanalmente fazendo contações de histórias. Um motivo é porque exige um repertório muito grande para você atender CEI, EMEI e EMEF, para isso acontecer semanalmente, e pensando que eu sou a única bibliotecária que faz contações de histórias. Outra questão é o espaço, que a gente também tem que ficar, a cada contação de histórias, carregando mesa, tirando mesa. (Bibliotecária 8, Zona Norte, novembro de 2018)

Salientamos ainda que neste cenário não sobra tempo ou energia para que o bibliotecário pense atividades culturais considerando os pontos levantados anteriormente, que deveriam nortear uma biblioteca pública de CEU.

5. O BIBLIOTECÁRIO DE CEU: FORMAÇÃO *VERSUS* EXPECTATIVAS DA PMSP

Mesmo com alguns episódios de contratações emergenciais de bibliotecários e com as ocasionais admissões e exonerações de bibliotecários coordenadores, a maioria dos profissionais de biblioteconomia que trabalham nas bibliotecas dos CEUs entraram via concurso público. Além do concurso realizado anterior à inauguração dos CEUs, destinado inicialmente a preencher vagas na Secretaria Municipal de Cultura (SMC), o que causou muitos desentendimentos entre bibliotecários e a PMSP; outros três já ocorreram, em 2008, 2011 e 2016. Destes somente o concurso de 2011 foi destinado exclusivamente às vagas da SME. Os demais preencheram vagas de bibliotecários para toda a PMSP. Buscando nos editais destes concursos o perfil esperado desses profissionais tem-se informações muito semelhantes: como requisito básico apenas a graduação em Biblioteconomia. Quanto às atribuições específicas, além dos deveres comuns aos servidores públicos, das funções administrativas e técnicas e do sempre presente e vago “desenvolver atividades afins”, destacam-se as atribuições que têm relação direta com atividades culturais ou que as sugerem.

No edital de 2008 constava: (1) disseminar informações com o objetivo de facilitar o acesso à geração do conhecimento; (2) desenvolver estudos e pesquisas e ações educativas; (3) realizar difusão cultural. Já em 2011 tem-se:

(1) Coordenar os serviços de orientação ao leitor quanto ao uso da biblioteca, mediação e recuperação da informação em todos os suportes e

mídias; (2) Planejar, organizar, desenvolver e participar de projetos, programas e eventos propostos pela Secretaria Municipal de Educação e Diretorias Regionais de Educação; (3) Participar e apoiar o desenvolvimento de Projetos e Ações contribuindo efetivamente nos objetivos do Núcleo de Ação Cultural para que o CEU seja pólo de incentivo ao desenvolvimento cultural e educacional da comunidade; (4) Participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, nas áreas de atividades de ação cultural...

E, em 2016, as atribuições eram semelhantes às que constavam do edital de 2008: (1) disseminar informações com o objetivo de facilitar o acesso à geração do conhecimento; (2) desenvolver estudos e pesquisas e ações educativas; (3) realizar difusão cultural. Se de um lado há pouca informação sobre as atividades culturais que serão exigidas de um bibliotecário, por outro lado o cotidiano do bibliotecário é afetado pela falta de conhecimento e escolhas simplistas de gestores públicos, como relatados por vários bibliotecários:

Eles não pressionam necessariamente por “contação de histórias”, mas fazem forte pressão para atendermos as unidades escolares, e dizem que temos de atender com atividades dentro do “universo da biblioteca”. Posso te dizer que 100% das vezes escutei de dirigentes da DRE (Diretoria Regional de Educação) a sugestão de “por exemplo, fazer contação de história”. É até engraçado porque temos sempre a sensação que eles não têm ideia do trabalho que um bibliotecário pode realizar, então a única sugestão que têm para dar é essa (risos). E isso se completa com as formações que a SME oferece às vezes, que sempre tem algo a ver com “contação de histórias”... então ficamos nisso. (Bibliotecária 3, Zona Leste, novembro de 2018).

A SME faz o que é mais fácil. Ter pessoas contando histórias é mais fácil. Já tem o espaço, a pessoa e o livro para fazer mediação ou contação de história. Até o público garantido você tem, que são as turmas das escolas. Não precisa injetar recurso financeiro, material, mais pessoas... então essa é a forma mais fácil para ela. É, é o que ela conhece também. E o que ela acha que a gente conhece! Então, eles pensam “vou pedir contação de história para eles” (os bibliotecários). E acaba não conhecendo outras possibilidades que poderíamos desenvolver. (Bibliotecário 2, Zona Leste, novembro de 2018)

Bom, a gente percebe que a SME realmente prioriza essa questão da contação de histórias, e ela acha que é um grande incentivador para o leitor. Que é algo que vai motivar o leitor. Mas eu acredito que existam outras formas de motivar o leitor por parte da secretaria, como por exemplo, manter acervos mais diversificados e atualizados. (Bibliotecária 9, Zona Sul, novembro de 2018)

Nestes trechos apresentados e em outros anteriores, nota-se que os bibliotecários têm sentido, por cursos e formações, por falas pontuais de chefias imediatas e por relatadas discussões, que há certa pressão ou certa condução à prática de contação de histórias, por parte da SME.

Se por um lado a SME e seus diretores, gestores ou coordenadores, em toda linha hierárquica até chegarmos aos bibliotecários, optam pelo mais fácil, barato e simples, dentro dos limites que conhecem, aparentemente influenciados por um pensamento de escolarização, por outro lado os cursos de graduação, geralmente não dão melhor preparo para o profissional de biblioteca, segundo as informações disponíveis nos *sites* das instituições. Em levantamento (vide Apêndice C) feito apenas entre instituições de ensino superior da capital de São Paulo e algumas cidades próximas, que oferecem a graduação em Biblioteconomia, identificou-se que na maioria das instituições particulares o curso pode ser completado em 3 (três) anos e, em média, 86% das disciplinas são relacionadas a processamento técnico, procedimentos administrativos e disciplinas de preparo instrumental; enquanto 14% das disciplinas são relacionadas às atividades culturais. É o caso do Centro Universitário Assunção (Unifai): algumas disciplinas são diretamente relacionadas, como “Ação Cultural em Bibliotecas” ou “Psicologia Social”, enquanto outras são denominadas “Atividades Complementares” nas quais os estudantes realizam vivências culturais práticas. No caso da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), as disciplinas de “Psicologia das Relações Humanas” e “Introdução às Ciências Sociais” são oferecidas nos primeiros módulos, dando ao estudante a base teórica para chegar às disciplinas “Projetos Culturais” e “Mediação da Informação, da Leitura e do Aprendizado”, oferecidas posteriormente. Já no caso da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Camp), o curso é concluído em quatro anos e 92% das disciplinas são voltadas a administração, processamento técnico e/ou vida acadêmica, enquanto apenas 8% são direcionadas para temas culturais como “Infoeducação” ou “Cultura, Arte e Informação”.

Entre as instituições públicas pesquisadas o curso é oferecido com conclusão em 4 (quatro) anos e as disciplinas obrigatórias que têm relação com atividades culturais representam, em média, os mesmos 14% que nas instituições particulares citadas, onde o curso é oferecido em 3 (três) anos. A diferença das instituições públicas está no fato de haver a possibilidade de ampliar esses conhecimentos com disciplinas optativas. As instituições pesquisadas foram a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O que todas estas instituições (públicas e privadas) têm em comum em seus cursos de graduação em Biblioteconomia é que nenhuma delas oferece uma

disciplina voltada exclusivamente para práticas de contação de histórias e mediação de leitura, nem mesmo como disciplinas optativas.

Alguns bibliotecários entrevistados chegaram mesmo a citar que gostariam de ter tido experiências assim na graduação. Como vemos no trecho abaixo:

E eu acho que falta muito nas faculdades um serviço de extensão. Que é uma coisa que eu queria propor até para quem ainda dá aula. Em seu plano de aulas separar 1, 2 dias em que atuam para fazer um trabalho de campo com os alunos, para que conheçam o que está acontecendo nas bibliotecas, ou propor uma atividade em uma biblioteca para sentir na pele o que é estar nesse papel, para a gente não chegar tão “cru” no mercado de trabalho. A gente não tem uma formação voltada para esse olhar. É uma formação muito mais técnica, na maioria das faculdades. (Bibliotecária 7, Zona Sul, novembro de 2018)

Mas outros bibliotecários, a maioria dos entrevistados, pensam que a contação de histórias pode fazer parte dessa profissão, mas não obrigatoriamente, uma vez que o bibliotecário ser uma espécie de gestor das atividades culturais e de fomento à leitura em uma biblioteca.

Nossa formação não foi voltada para desenvolver atividade de contação de história, mas para todas as atividades que podem de alguma maneira servir como mediação e incentivo à leitura. Não necessariamente uma contação de história. Então eu acredito que o bibliotecário nem tenha essa formação. Que é algo que ele pode obter mais para frente, mas, independentemente de ele ser bibliotecário [...]. Mas a formação do bibliotecário não o prepara para ser um contador de histórias, até porque o bibliotecário não é necessariamente um contador. Assim como o contador de histórias não precisa ser um bibliotecário. (Bibliotecária 9, Zona Sul, novembro de 2018)

Outros descartam completamente essa possibilidade, alegando que o papel do bibliotecário é técnico, ou mesmo de promotor cultural, que não tem nada a ver com contação de histórias ou mediação de leitura, sendo estas atividades que dependeriam, segundo eles, de perfil pessoal.

Essa atividade, para mim, é uma arte. Tem um desenvolvimento de um lado lúdico, e nem todas as pessoas têm essa habilidade. E, para aqueles que amam essa arte, é importantíssimo se aprimorar buscando formações e cursos depois da faculdade. Sei de colegas que gostam, mas isso é gosto pessoal. Eu me desenvolvi muito na parte de processamento técnico. (Bibliotecária 5, Zona Oeste, novembro de 2018)

[...] eu acho que é importante para o CEU ter, mas eu acho que seria maravilhoso se ela fosse feita com frequência por quem se prepara, se dedica para aquilo. Eu acho que os bibliotecários podem fazer outra intervenção. Esse usuário que é conquistado pela biblioteca, o “pré” e o “pós”. Mas a contação em si, eu acho que ela tem que ser feita por pessoas preparadas para isso. (Bibliotecária 6, Zona Sul, novembro de 2018)

Dentro e fora dos CEUs, há muitos que alegam que o bibliotecário é um profissional técnico, quase exato, e que a biblioteca existe para manter acervos organizados, para disseminação da informação. No entanto, é questionável, uma vez que o ato de organizar pressupõe uma arbitrariedade, uma seleção, mediação entre o usuário ou leitor e a informação, como mostra Almeida Junior (2008):

Mediação da Informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional (ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 46).

O bibliotecário, mesmo em suas atividades técnicas, em seus procedimentos metódicos trabalha sempre visando o humano, sendo impossível retirar de suas atividades essa característica, ainda que nem sempre esteja tão evidenciada.

Sendo a biblioteca uma agência mediadora, o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar a leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos ou eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca (BORTOLIN, 2010, p. 116).

Pelas declarações dos bibliotecários de CEUs entrevistados percebe-se que há um crescimento, ainda que lento, de bibliotecários que passam a se enxergar como profissional mediador da informação e da leitura, com compromisso com sua comunidade. Uma das entrevistadas citou que vê com alegria algumas mudanças, ainda que a maioria dos bibliotecários ainda esteja preso às questões técnicas.

[...] quando ele está fazendo bacharel em biblioteconomia, ainda há uma rejeição do bibliotecário, desse papel do bibliotecário também como contador de histórias. Então, eu percebo isso tanto na minha formação, que não teve nada dessa parte de contação de histórias, quanto nos novos alunos. Eu dou aulas em duas disciplinas da pós-graduação em gestão de biblioteca escolar. E uma das disciplinas eu trabalho com leitura e literatura, e abordo muito a questão da contação de histórias. E nessa abordagem da contação de histórias eu percebo o quanto os alunos ainda rejeitam isso categoricamente, sabe? [...] E aos poucos, quando a gente trabalha a mediação de leitura vai se abrindo. Eu acho que o medo de assumir esse papel, ou de ter esse como um dos papéis também do bibliotecário. [...] Que medo é esse que tem que se expor, de contar, de falar... [...] Mas eu acho que falta ainda as universidades desmistificarem isso... Porque tem muito ainda essa questão de “não é esse o papel do bibliotecário”. Rejeitam tudo que não é técnico [...]. Acho que eu estou vendo já muitas pessoas se formando sabendo que ele também é um mediador de leitura. (Bibliotecária 1, ex-funcionária de CEU, atualmente trabalha na Secretaria da Cultura, novembro de 2018)

No entanto, pode-se dizer que essa tomada de consciência é tardia, pois esse tema já é discutido na literatura da área há décadas. Almeida (1987, p. 36), por exemplo, já levantava essa discussão na década de 1980, atribuindo ao trabalho do bibliotecário responsabilidade social e à biblioteca não uma dimensão “salvadora”, mas de facilitadora no desenvolvimento humano saudável e próspero. Para essa autora, não é mais satisfatório “[...] para a biblioteca pública, o bibliotecário que só sabe ‘biblioteca’, ou seja, que tem apenas competência técnica para trabalhar com seu objeto, a informação” (ALMEIDA, 1987, p. 36). Segundo ela, tanto o profissional quanto a biblioteca não se limitam mais à organização e conservação da informação. A autora compreendia que “a informação, em si, não provoca nada de novo. É preciso colocá-la em circulação de tal forma que ela passe a adquirir significados para as pessoas, que ela interfira na vida das pessoas” (ALMEIDA, 1987, p. 36).

Mesmo com as discrepâncias de cenários (exigências e pressões da SME, inexatidão de informações dos editais para quem pleiteia uma vaga de trabalho nessas bibliotecas, e pouca base teórica oferecida pelos cursos de graduação), a realidade diária das bibliotecas dos CEUs bate à porta desses bibliotecários diariamente, pois são estes profissionais que estão na ponta dessa cadeia, e por isso deles possa vir sugestões de caminhos para melhorias desta situação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compartilhamento de experiências e ideias tem potencial para favorecer o surgimento de alternativas na construção de soluções que podem ser sugeridas à SME. A Secretaria, se têm agido segundo a lógica do maior número de atendimentos pelo menor custo, não está isolada nessa prática, sendo essa uma característica do serviço público no Brasil, e nesse sentido, a contação de história e a mediação de leitura para grupos encaixa-se perfeitamente.

Além disso, o compartilhamento entre os bibliotecários também favorece o enriquecimento de repertório de projetos culturais e de incentivo à leitura desses profissionais. Entre os entrevistados, por exemplo, surgiram citações de projetos como clube de leituras, rodas de conversa, debates, oficinas de práticas de leituras para pais e responsáveis, saraus livres ou temáticos, feiras de trocas de livros e revistas, jogos educativos, oficinas de escrita, leitura ou de trabalhos manuais,

mostras e exposições, concursos culturais, seções musicais ou de audiovisual, cursos de competência informacional, gincanas culturais ou informativas, encontros temáticos ou com autores, e até auxílio em serviços de utilidade pública (como por exemplo, busca de vagas de empregos, confecção de currículo profissional, etc).

Ao longo deste estudo ficou evidenciado que não importa tanto saber se determinada atividade é mediação de leitura ou contação de histórias, quanto saber que estas técnicas semelhantes não são suficientes para atingir os objetivos desse tipo de biblioteca. Saber se a biblioteca é pública ou híbrida não importa tanto, o principal é saber que essa biblioteca deve atender à comunidade escolar, enquanto multiplicadores de informação, e ter como foco principal toda a comunidade, com ações educadoras que vão além da escola, com suas diversidades e autonomias.

Assim o bibliotecário deste espaço não pode se pretender apenas um técnico, mas um educador. É necessário que ele aprenda sempre, incorporando novas técnicas constantemente, e isso não fará com que se perca sua identidade, mas agregará potência ao seu trabalho. Semelhantemente as instituições de ensino precisam estar atentas à realidade profissional, e não apenas a paradigmas ultrapassados. Afinal, não é sem razão que essa profissão tem sofrido constante perda de espaço no mercado de trabalho. O ruído de comunicação percebido entre a formação oferecida na graduação e as necessidades da prática profissional, principalmente nas questões culturais, pode ser objeto de novas pesquisas futuras.

Salienta-se que, para que esse profissional tenha tempo e energia para aplicar-se às necessidades de sua biblioteca, é preciso que ele seja bem conduzido por seus superiores. Editais lacônicos para contornar discordâncias e protestos da classe; opção por atividades simples e baratas, que atenda a grupos grandes, que possam produzir fotografias “vistas” para mostrar o “maravilhoso” trabalho de políticos e comissionados são escolhas ruins em longo prazo. E até a escolha por contratar artistas para realização de contações de histórias nas bibliotecas segue essa mesma lógica: grupos pequenos de artistas com poucos adereços são mais baratos. Espera-se que esta investigação possa contribuir para melhor compreensão da situação e para melhoria dos serviços das bibliotecas e das relações entre bibliotecários e gestores públicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. B. A ação cultural do bibliotecário: grandezas de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1-4, p. 31-38, jan./dez. 1987.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In:_____. VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, p. 41-54, 2008.

ANELLI, R. L. S. Centros Educacionais Unificados: arquitetura e educação em São Paulo. **Arquitextos**, v. 55, n. 02, p. dez 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.055/517>. Acesso em: 30 dez. 2018.

ASSIS NETO, J. B. de. **Serviços de informação e cultura nas bibliotecas públicas e híbridas**: relações interativas como parâmetro de análise. 2005. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **A biblioteca pública**: administração, organização, serviços. Rio de Janeiro: O departamento, 1995, 121 p.

BORTOLIN, S. **Mediação oral literária**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf. Acesso em: 28 ago. 2018.

CALDIN, C. F. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto das Ideias, 2010. 200 p.

CALDIN, C. F. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n.13, p.25-38, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25>. Acesso em: 27 ago. 2018.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. Graduação em Biblioteconomia. Disponível em: <http://www.unifai.edu.br/cursos/graduacao/biblioteconomia-bacharelado>. Acesso em: 30 out. 2018.

COELHO NETO, F. T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos; 216).

FLUSSER, V. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

FONSECA, E. N. da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007. 152 p.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 149 p. (O mundo hoje; 10).

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 88 p.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO. **Graduação em Biblioteconomia**. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/curso/25/biblioteconomia_e_ciencia_da_informacao. Acesso em: 30 out. 2018.

GADOTTI, M. Educação com qualidade social: projeto, implantação e desafios dos Centros Educacionais Unificados (CEUs). **Instituto Paulo Freire**, 2004. Disponível em: http://www.paulofreire.org/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0009/Educ_qualidade_social_2004.pdf. Acesso em: 20 out. 2010.

GADOTTI, M.; PEREZ, M. A. Prefácio: O projeto educacional dos CEUs. In: PADILHA, P. R.; SILVA, R. da. (Org.). **Educação com qualidade social**: a experiência dos CEUs de São Paulo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004. 192 p.

GARCEZ, E. M. S.; RADOS, G. J. V. Biblioteca Híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Ciência da Informação**, v. 31, n.2, p.44-51, maio/ago. 2002.

HAVELOCK, E. A equação oralidade-escritura: uma fórmula para a mente moderna. In: _____. OLSON, D; TORRANCE, N. **Cultura e oralidade**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, p. 17-34, 1995.

LEMOS, C. K. de. **Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs)**: a construção de uma cultura comum. 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-10012013-184342/pt-br.php>>. Acesso em: 30 dez. 2013.

LOYOLA, L. Eleições Municipais: A complicada tarefa de superar Marta. São Paulo: **Revista Época**, ed. 278, 11 set. 2003. [13:12]. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG59908-6009,00-A+COMPLICADA+TAREFA+DE+SUPERAR+MARTA.html>. Acesso em: 30 dez. 2018.

MATOS, D. S. de; OLIVEIRA, E. S. de; AGUIAR, F. L. de. **A aplicação de conceitos e práticas de marketing**: um estudo de caso do sistema de bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados – C.E.U.sCRB-8 Digital, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 17-32, dez. 2012.

MEDEIROS, A. L. S. Biblioteca e cidadania. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.10-45, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/682>. Acesso em: 30 dez. 2018.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 94). 109 p.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 127 p.

MUELLER, S. P. M. **Bibliotecas e sociedade**: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

OLIVEIRA, L. M. B. de. Participação: para pensar políticas culturais no século XXI. **Políticas Culturais em Revista**, v. 3, p.93-101, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA [UNESCO]. **Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**: [resumo]. [2009]. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA [UNESCO]. **Manifesto da IFLA/Unesco sobre as Bibliotecas Públicas**. 1994. Disponível em: http://www.iplb.pt/pls/diplb/get_resource?rid=938. Acesso em: 3 abr. 2006.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. **Graduação em Biblioteconomia**. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/graduacao/biblioteconomia/>. Acesso em: 30 out. 2018.

SÃO PAULO. (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. **Programação dos CEUs [site]**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2004. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/CEUs--Enderecos>. Acesso em: ago.-nov. 2018).

SÃO PAULO (Cidade). Decreto nº 46.434 de 6 de outubro de 2005. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, ano 50, n. 191, p. 1-3, 2005.

SÃO PAULO (Cidade). Edital de abertura de inscrições e instruções especiais, de 16 de fevereiro de 2008. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, ano 53, n. 30, p. 47-52

SÃO PAULO (Cidade). Edital de abertura de inscrições e instruções especiais, de 30 de setembro de 2011. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, ano 56, n. 185, p. 91-94

SÃO PAULO (Cidade). Edital de abertura de inscrições e instruções especiais, de 18 de setembro de 2015. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, ano 60, n. 174, p. 59-66.

SILVEIRA, F. J. N. da; REIS, A. S. dos. Biblioteca pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio histórica. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 37-54, jan./abr. 2011.

TAMMARO, A. M.; SALARELLI, A. **A biblioteca digital**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008, 378 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Graduação em Biblioteconomia**. Disponível em: <http://www.bci.ufscar.br/-1>. Acesso em: 30 out. 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Graduação em Biblioteconomia**. Disponível em: <https://www5.usp.br/ensino/graduacao/cursos-oferecidos/biblioteconomia/>. Acesso em: 30 out. 2018.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS APLICADAS AOS BIBLIOTECÁRIOS

Entrevistada: Bibliotecária 1, 37 anos. Trabalhou em CEU da Zona Leste por 5 anos. Atualmente bibliotecária da Secretaria de Cultura.

P.a) O que te motivou a fazer sua pesquisa sobre as bibliotecas dos CEUs?

R.a) O que me motivou... é o seguinte... eu entrei, comecei a trabalhar no CEU em 2008. Até então eu vim de Biblioteca Escolar do ensino médio, estava vindo desse tipo de biblioteca, que era muito parecido com ensino superior. Então todas as minhas práticas eram focadas em ajudar os alunos a ter acesso ao conhecimento, a fazer pesquisa... tinha alguma coisa de ação cultural, mas era muito pouco. Então comprava acervo, fazer esse tipo de ação que uma biblioteca universitária faz. Quando eu vim para o CEU, quando eu cheguei no CEU lá em 2005, não me foi dada não só a mim, mas aos outros bibliotecários, nenhuma orientação do que era essa biblioteca e de como nós deveríamos atuar. Então foi meio por instinto que nós fomos trabalhando. Então, com as crianças, atividades de contação de histórias... isso já faz 10 anos, então pouco se falava em mediação de leitura, o que era mediação de leitura. O que se falava e fazia muito era contação de história, sarau, e assim pensamos nós e as nossas ações acabou sendo direcionada para isso. Mas me incomodava muitas coisas em CEU, por exemplo, essa história de: “Ah! É biblioteca híbrida”, “É biblioteca pública”, “Não, mas a gente trabalha mais com as escolas, então é biblioteca escolar”, “Ah, então para que é que nós somos biblioteca escolar se tem Sala de Leitura nas escolas?”, “Então qual é a diferença da Sala de Leitura, da atuação da Biblioteca da Sala de Leitura, da Biblioteca do CEU e do professor que trabalha com os livros na sala de aula. Não só isso também! Eu percebia muito que as crianças iam para biblioteca para brincar, para os momentos de lazer, e poucas delas tinham interesse de contato com o livro. Elas gostavam do ambiente, gostava de estar com a equipe da biblioteca, de conversar com a gente. A maioria elas não eram alfabetizadas então elas não sabiam ler. E aquilo me incomodava muito. Que tipo de apropriação estava sendo feito pela população das Bibliotecas dos CEUs. E qual era o papel desse bibliotecário nessa atuação, junto a suas comunidades? Então eu comecei a pesquisar e isso é que me motivou. Isso era uma angústia, diante de tudo que a gente estava experimentando ali e eu não tinha visto na faculdade, poucas pessoas falavam... falava-se muito em “competência em informação”. Mas isso ainda não era aquilo que nós vivenciávamos nos CEUs.

P.b) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.b) Eu fiz graduação em Biblioteconomia em Marília (UNESP), me formei em 2004...

P.c) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.c) Não fiz outra graduação, mas fiz curso de pós-graduação em Divulgação Científica (especialização), depois eu fiz o meu mestrado na ECA especialmente para estudar isso as Bibliotecas dos CEUs, como a comunidade se apropria dela, e como ela se relaciona com sua comunidade, e eu fiz um curso de especialização também de... mas esse na área de gestão de bibliotecas pública... É isso...

P.d) Por quanto tempo trabalhou no CEU?

R.d) Eu trabalhei no CEUs de 2008 a 2013.

P.e) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.e) Sol, a partir do que eu estudei não só dos conceitos de biblioteca pública, biblioteca escolar... mais do que isso quando eu penso nas ações culturais dos CEUs eu penso no Paulo Freire, e aí quando eu

penso no Paulo Freire eu acho que as Bibliotecas de CEUS elas podem mais, elas empoderam, sabe? Elas ganham um novo significado. Para mim, as bibliotecas dos CEUs, elas precisam estar muitos mais alinhadas com o conceito do que é o Centro Educacional Unificado, do que o conceito de Biblioteca Pública, porque aí quando ela entende o que é o CEU, o que é o espaço cultural e educacional do CEU, para que existe essa cultura, essa educação e esse esporte, ele existe... ele existe porque ele tem uma finalidade cidadã, uma finalidade educacional, aí eu acho que a biblioteca do CEU encontra sua razão de ser, sabe? Inclusive até da própria contação de histórias. Então ela entende tudo isso. Para que esse contar histórias, o que é esse contar histórias, o que esse espaço da biblioteca? Então tudo o que a biblioteca fala, o que a biblioteca comunica vem com esse sentido educacional. Então mais do que uma biblioteca pública, uma biblioteca escolar, para mim a finalidade principal da Biblioteca do CEU é trabalhar com a educação não formal, a educação para além do currículo escolar. É isso que eu vejo...

P.f) Como você percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.f) Eu vejo um movimento muito bonito agora dos bibliotecários em geral se assumirem como contadores de história. Porque quando eu me formei, eu ouvi de muitas pessoas “eu não conto histórias”, “bibliotecário não conta histórias”, “isso não faz parte do papel do bibliotecário contar histórias”, “isso é coisa de professor, de artista, de qualquer outra coisa, menos do bibliotecário”, e isso era muito forte. Inclusive até uma das questões da minha pesquisa era essa: qual que era o papel do bibliotecário no CEU. Porque eu ouvia muito, na época, o bibliotecário em crise. Por quê? Porque era uma profissão que pregava muito a questão técnica, porém no CEU esse era um papel secundário. O papel primário era esse, o papel educacional de mediação de leitura, era esse papel que estava mais próximo das pessoas, da criança. Então, era um papel de mediador. Mas até então as pessoas nem entendiam o que era mediador, que estava ali... tanto que muitos bibliotecários queriam sair do CEU, porque não se viam nesse papel, rechaçavam isso e achavam que em outras secretarias eles seriam reconhecidos como profissional que eles eram, totalmente diferente daquilo que a escola esperava deles, ou que alguns colegas que já iam nesse movimento de mediação de leitura, de contação de histórias... Pois bem, a partir do momento em que um grupo mesmo, começou a se ver como mediador, assumir esse papel de educador, de mediador, eu percebi que as coisas foram mudando... Das formações juntos com os professores orientadores de sala de leitura, eu percebi que o papel do bibliotecários foi modificando, mas a partir da base: não a partir da SME, mas a partir do seu entendimento do que era sua função dentro do CEU para além do bibliotecário técnico, desse bibliotecário que estava ali atrás do balcão, chefe. Ele era um bibliotecário mais humano, mais próximo, mais educador. A partir desse movimento de base, eu percebi muitos bibliotecários se assumindo enquanto... acho que a contação de histórias foi o instrumento que os bibliotecários se apropriaram mais rapidamente, e eu posso falar por mim, nesse papel de educador. Então foi uma das principais linguagens escolhidas, a oralidade, para estar mais próximo do outro. Não desse atrás do balcão, atrás de uma mesa, dentro de uma sala. Mas estar próximo do outro nesse reconhecimento deste lugar. E a contação de história vem nesse lugar de “vamos conversar”, de ouvir primeiro nesse movimento de falar e o outro ouvir, depois o outro vai falando e uma mediação vai acontecendo, um diálogo, e também um resgate. Esse bibliotecário, esse agente de leitura, se transforma em leitor também, então isso abre um leque de possibilidades maravilhosas. Isso é totalmente “Paulo Freire”: é apropriação do mundo, da linguagem, da leitura do mundo, do eu. É uma formação de identidade. Então eu acho que isso é lindo, para mim isso é o pulo do gato dos CEUs. Tanto que agora eu estou na Secretaria de Cultura e eu vejo os bibliotecários nessa descoberta dessa medição de leitura.

P.g) Como foi realizado, na unidade em que você atuava, o serviço cultural de contação de histórias?

R.g) Quando eu estava no CEU eu resolvi, meio assim de supetão, contar histórias a partir de livros. E eu queria contar histórias para EMEI (crianças de 5 a 7 anos), para todas as crianças da EMEI, eu achava que as crianças mais velhas iriam curtir mais, que elas iriam entender mais a história que eu queria contar, que os bebês. Mas, para minha surpresa, quando a gestora levou a proposta de eu contar histórias, quem se interessou foi o CEI (crianças de 2 a 4 anos) e eu fiquei totalmente apavorada, porque eu achava que os bebês não iriam entender nada, que eles não iriam ter esse processo de concentração com a história, então eu fiquei muito assustada, com muito medo. Mas, eu encarei, eu não tinha como não encarar. Os diretores e os professores tinham muita certeza de que ia dar certo, e foi muito legal, porque desde o primeiro eu percebi as crianças embarcando na história. Eu percebi as crianças embarcando na história e mais próximas do que eu falava, isso abriu um leque novo para mim que foi com as crianças bem pequenas. E, a partir de então, eu lembro que muitos CEUs também começaram a ver esse público do CEI como um público em potencial. As crianças tinham esse ouvido muito mais atentos inclusive que as crianças mais velhas. Foi uma das primeiras experiências, lá em 2008. Eu fiquei bem feliz, para mim foi uma descoberta muito gostosa. E, olha, Sol, acho que eu acabei falando isso na resposta anterior, mas eu quero dizer que vejo até uma certa confusão. Eu vejo com muito bons olhos a contação de histórias. Eu faço a contação, mediação de leitura, e vou ser bem sincera: acho que os bibliotecários não percebem a potência da ação deles. Contar histórias é maravilhoso e é uma ação fantástica. Existem outras formas, de contar, de mediar. Mas eu percebo que os bibliotecários acabam não aproveitando muito... Por exemplo: as ações ficam restritas às crianças, quando chegam na adolescência os bibliotecários muitas vezes não sabem mais como fazer essa mediação de leitura ou a contação de histórias, acham que já não serve mais para adolescente. Com os jovens e adultos, e o pessoal das universidades, acaba se infantilizando o ato de contar histórias. "Ah, o adulto também gosta de histórias para crianças, então vamos encarar". Como assim? Poderia ser contado com histórias mais adultas, ver o processo de contação de histórias como algo de construção do "eu". Eu percebo isso, que não é o simples ato de pegar um livro, escolher uma história, mas acredito que há um papel curativo no ato de ouvir histórias e contar histórias.

P.h) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.h) Olha, eu não me considero uma contadora de histórias. Eu acho que eu faço mais leitura compartilhada, mediação de leitura, acho que essa é mais a minha praia que contadora de histórias mesmo. Eu gosto muito de contar com o livro. E eu acho que eu me preparei lendo. Lendo bastante, conversando com as pessoas, depois eu fiz alguns cursos, mas cursos voltados para a mediação de leitura. Eu só fiz um curso de contação de história que foi o ano passado, mas era uma proposta que, vamos dizer, inovadora. Não era uma proposta tradicional de contação de histórias. Era um processo mais que a gente descobria-se como contador de histórias. E aí a formadora ia trabalhando com questões nossas, do nosso interior, a nossa descoberta. Então isso foi muito importante, principalmente sobre a escolha do livro, como fazer isso, para quem contar e como contar, libertação de preconceitos. Principalmente como enxergar o público. Não esse público distante, mas um público próximo, esse público que conversa com a gente. Então essa é minha formação: leio bastante livro infantil, sempre li, mas leio também livro de adulto, resgato muitas coisas da minha infância também dos livros que eu li na infância, livros que fizeram muito sentido para mim naquela época. Então eu sempre trago isso também para as crianças.

P.i) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.i) Puxa... Como eu percebo a formação do bibliotecário na contação de histórias... eu acredito que ainda na sua formação... lá na formação, quando ele está fazendo bacharel em biblioteconomia, ainda há uma rejeição do bibliotecário, desse papel do bibliotecário também como contador de histórias. Então, eu percebo isso tanto na minha formação, que não teve nada dessa parte de contação de histórias, quanto nos novos alunos. Eu dou aulas em duas disciplinas da pós-graduação em gestão de biblioteca escolar. E uma das disciplinas eu trabalho com leitura e literatura e abordo muito a questão da contação de histórias. E nessa abordagem da contação de histórias eu percebo o quanto os alunos ainda rejeitam isso categoricamente, sabe? “Ah, eu não estou aqui para contar histórias. Isso não é para mim”. E aos poucos, quando a gente trabalha a mediação de leitura vai se abrindo. Eu acho que o medo de assumir esse papel, ou de ter esse como um dos papéis também do bibliotecário, o de contador de histórias, ou aquela pessoa que conta, é o dessa descoberta. É do medo mesmo. Que medo é esse que tem que se expor, de contar, de falar. Muitos ainda veem a mediação de leitura e a contação de histórias como algo educativo. Então tem que ter toda uma desconstrução de “olha, você não precisa ensinar nada, não precisa contar moral da história”, não precisa “Ah, eu vou escolher uma história para ensinar boas maneiras, para comer legumes”... não precisa nada disso. A contação de histórias é um relacionamento, é um olhar no outro, é a descoberta de uma boa história de uma boa narrativa. E eu percebo que há muito medo disso, há um pânico, um pavor. Mas eu acho que falta ainda às universidades, tal, a desmistificarem isso... Porque tem muito ainda essa questão de “não é esse o papel do bibliotecário”. Rejeitar tudo que não é técnico. Eu vejo que a mediação de leitura tem aberto portas nesse olhar do bibliotecário. Acho que eu estou vendo já muitas pessoas se formando sabendo que ele também é um mediador de leitura. Isso é muito importante. E o mediar e o contar andam muito de mãos dadas. Então eu percebo que já foi pior a formação, mas está tendo um grande avanço. Hoje em dia eu já vejo um grande avanço. Bons bibliotecários que contam histórias maravilhosamente bem, que eu perceba, fizeram a sua trajetória por conta própria, através da educação informal ou de cursos e têm uma bagagem muito bacana para compartilhar com os colegas.

P.j) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contação de histórias, influenciam o trabalho dos bibliotecários dos CEUs?

R.j) Olha, eu vou falar um pouco da minha experiência. Eu faço contratação, fiz muito tempo em Cidade Tiradentes (na Biblioteca do Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes) contratação de contações de histórias, muitos desses contadores de histórias se tornaram meus amigos, foi bacana essa experiência. Hoje na biblioteca que eu atuo (da SMC) há três contações de histórias por mês. Na verdade são duas e uma pode ser música, ou mágica, ou circo... Geralmente tem ali duas contações de histórias contratadas e o resto é por nossa conta. Eu que eu percebo? As contações de histórias com grupos, às vezes, muitos deles teatralizados, algumas fogem um pouco da narrativa, dessa narrativa oral, já vai mais para o teatro, diálogos mais teatralizados, elas têm um caráter mais de espetáculo. Não que seja ruim, eu acho “super bacana”. Isso atrai muito as escolas para participar. Tem uma parte que é bem engraçada, tem a parte da comédia, do riso. Eu acho “super legal”, eu acho que tem que ter mesmo, as famílias gostam, a biblioteca se enche de vida, tal. Mas falta um quê de aproximar aquilo... uma apropriação, mesmo, literária a partir disso. Então, eu vejo com bons olhos essas contratações, mas eu acho que também o bibliotecário pode fazer uma ligação, sabe, com aquilo. Então a gente sempre apresenta como faz a carteirinha da biblioteca, os livros que foram trabalhados na contação, outros autores, convida para outras atividades, para mediação de leitura, faz mediação de leitura antes e após a contação de história. Isso é legal, eu acho que isso é importante. E também aproxima outras formas de narrar. Então você tem aquela contação mais

tradicional, aí você tem outras que puxam mais para o cordel, outras que vão para linha do teatro, outras que vão para história de terror. Eu acho bem bacana.

P.k) Em que medida você acredita que as contações de histórias podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.k) Eu acho que a contação de histórias é uma forma de leitura. Eu acho que ela não tem essa leitura dos signos, da palavra escrita, mas ela é uma forma de leitura. Então a criança, ou quem está ali ouvindo a história, está fazendo esse processo dentro dela, ela está participando, mesmo ali quietinha, ela está ali, absorvendo, ela está entendendo, ela está compreendendo. Eu acho que é todo um processo bem complexo de leitura mesmo do mundo de tudo o que está acontecendo ali. Incentivo à leitura do livro a partir da contação de histórias? Eu tenho uma visão um pouco mais leve de tudo isso. Tem umas pessoas que falam assim “a pessoa vem aqui assiste o negócio e vai embora, não pega um livro, ou quer vir na biblioteca só para usar o *Wi-fi*, ou para conversar”. Eu acho que tudo isso faz parte do ser biblioteca. Eu acho que o incentivo à leitura, o despertar do gosto literário, ele vem por uma sedução, uma sedução do leitor, como que eu vou seduzir aquele leitor. E aí eu acho que o contador de histórias, ele vem como o chef. Eu vou usar o exemplo do cozinheiro, do chef de cozinha. Ele vem apresentar um alimento então ele vem falando “Olha o que é que tem esse alimento! Olha o sabor disso, o gosto disso!”. Assim ele vai despertando o desejo, a fome... às vezes nem é fome. mas a vontade de saborear um determinado alimento. Eu vejo o contador de histórias como esse despertar, esse despertar do gosto. E pode ser que a pessoa não leia um livro, mas, e daí? Aquela experiência que ela teve com aquela história, com aquela narrativa também é uma leitura! Uma leitura de algo que também pode fazer parte dela. Então eu acho que isso é maravilhoso.

P.l) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.l) Eu tenho algumas questões com relação a priorização, da contação de histórias dentro das bibliotecas dos CEUs. Eu acho que as bibliotecas... as dos CEUs, as bibliotecas públicas, precisam ter uma diversidade de ações, ao invés de priorizar uma coisa ou outra. Quando você trabalha só a questão da contação... “ah, as pessoas aqui da comunidade só gostam de contação de histórias”... eu acho isso uma inverdade! Eu acredito que existam outras pessoas que não frequentam o espaço, as atividades, porque não é atraente para elas. Então eu vejo ainda as bibliotecas dos CEUs muito condicionadas a algumas ações. Ah, então, “atividades para crianças é só contação de histórias e brincadeiras”. Puxa, e um debate? Uma roda de conversa? Uma palestra, uma formação com meditação, uma leitura compartilhada, um clube de leitura com pessoas, com mães, com pais, uma formação para educação especial, uma atuação mais eficaz com as pessoas com deficiência. Então há um leque gigantesco a ser trabalhado, mas isso acaba não sendo estimulado, pelas bibliotecas. Porque eu acho que a criança está ali, está muito próxima, e ela exige muito. Mas até mesmo as crianças podem ser estimuladas a outras atividades que tem o livro e a leitura também como seu objetivo principal, sabe? Então, eu vejo que poderia se expandir muito mais. Eu acho que o bibliotecário de CEU ele pode ter uma liderança ímpar, tanto no CEU quanto na sua comunidade. Mas ele sempre fica meio que em segundo plano. Talvez propositalmente, por questões políticas. Mas, eu acho que ele tem um potencial que ele ainda não foi explorado em sua potencialidade, em sua total potencialidade, sabe? Eu poderia expandir muito mais. Eu vou dar um exemplo: eu estou a pouco tempo nessa biblioteca nova, que eu estou atuando. E até então a biblioteca tem essas atividades contratadas, de contação de histórias, música... E a gente tem um público... nosso maior público é um público adulto. Não é de crianças e jovens, ela é uma biblioteca que sai um pouco da curva. Então eu

acabo... agora eu estou com esse olhar um pouco mais atento para atrair as crianças e os jovens, mas ela é uma biblioteca adulta. Onde os adultos e os idosos, eles vão muito para ler jornal e para emprestar livros de literatura. E aí eu sempre os convido: "Olha, vai ter uma apresentação musical agora. Você não quer participar? Vai ter um espetáculo. Vem participar conosco!" E eles nunca se interessam. Esses dias na biblioteca nós tivemos uma palestra. Uma palestra sobre economia ecológica. Todas as pessoas, todos os adultos, jovem, que frequentam a biblioteca, que a gente convidou, quiseram participar da atividade. Então, todos participaram, elogiaram, pediram mais. Então, é algo deles que não estava sendo oferecido até então, sabe? Então esse é um projeto que eu tenho muito para 2019.

Entrevistado: Bibliotecário 2, 54 anos. Trabalha em CEUs da Zona Leste há 10 anos e no CEU onde está atualmente há 8 anos.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Eu fiz na FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação. Há quanto tempo... eu me formei em 2003, então tem 15 anos.

P.b) Fez algum outro curso superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim, qual?

R.b) Não, não fiz nenhum...

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Bom, a minha formação, a maior parte de trabalho do que eu sempre fiz, foi em bibliotecas universitárias. Trabalhei muito tempo... de 1993 a 2002, não, a 2007, só em bibliotecas universitárias. A gente sempre ouviu falar da biblioteca pública, as que atende a população em geral e a biblioteca escolar, que está voltada para o ensino médio, ali, ensino primário, ensino médio. A gente chega em uma biblioteca mista, ou híbrida, ou alguma coisa que a gente não conseguiu definir ainda, que tem atendimento à comunidade. A gente procura fazer um trabalho com essa comunidade quando possível, mas a maior parte da nossa atenção acaba ficando voltada durante a semana para as escolas do CEU. Quanto às atividades que poderíamos fazer aqui, a parte pedagógica das escolas teria que entender que a biblioteca não é uma extensão da escola, é um complemento da escola. E esse complemento teria que trabalhar de uma forma diferente do que eles querem trabalhar aqui. Eles querem utilizar aqui como se fosse sala de leitura que eles já têm lá. E esse é o complemento pedagógico deles lá. Aqui a biblioteca teria que ter uma outra atuação que ainda não conseguimos descobrir qual é.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Quais atividades... quais atividades... bom, na parte de atendimento à comunidade, tranquilo. Com as escolas... qual as atividades que a gente desenvolve com elas atualmente? Praticamente só contação de histórias. Não temos desenvolvido mais nenhuma atividade em conjunto com eles. Diferente do outro CEU onde trabalhamos, em que a gente conseguiu trabalhar alguns temas um pouco diferenciados lá: a gente trabalhou poesia, trabalhou concurso de poesia, criamos um blog. ... Jornal, não lembro de jornal. O que a gente fez, o que a gente trabalhou bem foi com o pessoal do teatro... do EJA e do teatro. A gente trabalhou com o pessoal do teatro que eles começaram a formar o grupo de teatro e a apresentação do teatro foi inclusive na biblioteca naquela época. Essas coisas aqui a gente não conseguiu desenvolver. Aqui há uma certa barreira, uma limitação que a gente não consegue implementar outras coisas. Todas essas atividades que a gente tenta fazer em paralelo além da contação de histórias parece que não vão muito

além... não consegue atrair o público das escolas... tanto que a EMEF não participa, é mais a EMEI e a CEI, que mais usam a biblioteca. No outro, com o negócio da poesia a gente começou a trabalhar mais com o pessoal da EMEF que já era um pessoal mais... com uma idade um pouco mais... que já tinha que ter um pouco de conhecimento, uma leitura um pouco mais desenvolvida, então já conseguia trabalhar com eles, com o pessoal da EMEF, com um retorno maior.

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Contação de histórias nos CEUs em geral. Aí que está: o que é que a gente faz aqui, é contação de histórias ou mediação de leitura? O que a gente vai ter que começar a fazer? Essa mediação de leitura, essa contação de história, está refletindo em novos leitores? Essa mediação de leitura está incentivando novos leitores? Então... está difícil essa parada. Eles vêm aqui como uma atividade de contação de história, tem acesso aos livros, mas você não tem visto muito retorno deles posteriormente vindo pegar um livro, se interessar em ficar lendo. Geralmente os que vêm, que vem para ver livro são os que fogem da regra... que ficam no intervalo da entrada de aula. Muitos deles vinham aqui, ficam lendo livros mesmo, e não são para esses que a gente conta história. Você pode ver que quando vem a classe, esse pessoal que fica aqui lendo livro não é esse pessoal que está aqui, que vem escutar essa história. Então eles vêm, escuta uma história e parece que não tem retorno no consumo do livro em si. Não... acho pouco retorno para falar a verdade... só dá número, estatística.

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) Bem executado. Eu estou elogiando... não, é "puxassaquismo"! Vejo que as bibliotecárias fazem (a atividade de contações de histórias) com carinho, dedicação, extrapolam até a sua saúde... por excesso dessa atividade. A frequência está muito relativa: tem meses que parece que o pessoal quer "tomar de loucura" isso aqui. Uma contação atrás da outra, durante meses, durante semanas. Depois, de repente para, aí parece que enjoaram dessa atividade, daí não querem vir, daí resolvem dar uma parada. Por férias... e às vezes é sem nenhum motivo e sem nenhuma explicação também.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Não realizo contação de histórias, deixou para minhas colegas de trabalho, porque inclusive eu já fiz algumas mediações. Com o livro em mãos, contar aquela história que estava no livro, mas nunca tive nenhum curso.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) Não temos formação acadêmica sobre isso... Isso aí as pessoas tem procurado por cursos, formações a parte. O que a gente tinha na faculdade era "Ação Cultural", mas "Ação Cultural" não é contação de histórias. Não abrangia esse aspecto. Não é a formação que é deficitária. Porque acho que o bibliotecário como mediador tem que ter o perfil para isso, e esse perfil você não desenvolve na faculdade, você desenvolve no dia-a-dia. A partir do momento que você já tem esse perfil aí você vai procurar um curso de formação, orientação de quem já trabalha com isso. E, na faculdade você vai aprender mais a parte técnica. Aí as pessoas acabam desenvolvendo. Tem o exemplo de pessoas que não tinham o perfil nenhum, mas devido a necessidade do trabalho começaram a atuar e começaram a se identificar com aquela atuação. Não que fizessem um trabalho dos melhores, mas conseguiram desenvolver o serviço, conseguiram desenvolver esse aspecto... então quer dizer... as pessoas de uma forma ou de outra acabam desenvolvendo a atividade, de uma forma ou de outra, acabam desenvolvendo essa atividade. E num grupo tão grande de pessoas que entraram no concurso sempre vão ter pessoas que vão se dar melhor com esse aspecto, ou não vão querer desenvolver de forma alguma isso. Eu propus isso para o pessoal que estava

coordenando a sala CEU há uns 4 anos, que eles contratassem estagiários de biblioteconomia, que viriam atuar, conhecer a realidade do CEU, conhecer a realidade do trabalho, desenvolver e quem sabe até pegar um gosto pelo trabalho. Então, quer dizer, eles seriam os primeiros a quererem trabalhar conosco. E iria afastar quem não gosta. Nossa: “Detesto CEU, não quero trabalhar naquilo nem a pau”. Tem gente que não gosta mesmo, não se identifica de forma alguma. Então é uma pessoa que não vai arriscar depois falar “Ah, entrei de gaiato nesse navio”.

P.i) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) Fica uma pressão. Fica uma pressão... sim... sinto. Eles acham que todas as atividades no CEU têm que ser aquela atividade que, como eles falam, “bombando”. Tem que ser 120 pessoas assistindo, 1300 pessoas entrando e saindo do CEU por hora, eles querem que isso aqui seja efervescente, mas só que efervescente tem que ter um limite, tem que ter um apoio para poder fazer tudo isso. Então, por mais que a gente se profissionalize e corra atrás de cursos, tal, para poder atender, fazer uma coisa dessas, não vai ficar fazendo contação de histórias a cada 20 minutos para 50, 60 pessoas toda hora, todo dia, toda semana, não tem como! A gente se sente cobrado na forma de que eles querem que a atividade seja desenvolvida de uma forma constante e que esteja sempre lotado de pessoas, não? Eles acham que vai haver dividendos políticos e alguma coisa nesse sentido para eles com essa “mega-manifestação” cultural no CEU.

P.j) Em que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Então... contação de história, a mediação no caso... é legal quando você mostra para criança que aquela história saiu daquele um livro. Saiu de algum lugar. Não é você que está inventando da sua cabeça, contando alguma coisa para eles. Então, você mostra que ali no livro existe um universo de coisas que ele pode estar descobrindo sozinho, quando ele estiver lendo. O que está ocorrendo é que o público que tem vindo nessas contações ainda não está formado. Não é um leitor formado: é um leitor em formação. Então ele não vai ter condições de pegar um livro e absorver aquele conteúdo. Ler. Aí é que está: a professora é que tem que fazer um trabalho com eles e incentivar mais eles a leitura, e posteriormente eles voltar para pegar os livros, coisa que a gente não tem visto eles voltando para pegar os livros, então, quer dizer, ou eles não estão se alfabetizando no período correto. Muitos aí chegam aos 10, 11 anos e ainda não estão alfabetizados, então, eles não vão ter retorno de vir pegar um livro para leitura. Infelizmente essa é a realidade brasileira. O último ENAD mostrou, a alfabetização até os 9 anos, se não me engano? 8, 9 anos?... Coisa que em nossa época a gente tinha que ser alfabetizado no 1º ano! Então... alfabetização na idade certa! Daí você vê, chegam pessoas com 12, 13 anos que ainda não estão alfabetizados! Agora como é que se ensina português, matemática, história, geografia para alguém que não está alfabetizado? Se não consegue ler... não sei como é que eles conseguem continuar trabalhando conteúdo em sala de aula. E para gente trabalhar esse conteúdo aqui... eu já vi gente se alfabetizado de lado de bibliotecário! Pegar o livro e o bibliotecário ficar lá... a pessoa “a...g...” E você tem que... “a gente”... Ajudar ele a entender aquilo lá, a formação da palavra, para poder se alfabetizar, já vi isso acontecer com outros bibliotecários que ficaram ali incentivando a criança a ler e ensinando ela a ler, e depois de meses eu vi que ela já estava desenvolvendo uma leitura satisfatória. Quer dizer: isso não está acontecendo na sala de aula? Isso não aconteceu na sala de aula, aconteceu na biblioteca! Então...

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) A SME faz o que é mais fácil. Ter pessoas contando histórias é mais fácil. Já tem o espaço, a pessoa e o livro para fazer mediação ou contação de história. Até o público garantido você tem, que são as turmas das escolas. Não precisa injetar recurso financeiro, material, mais pessoas... então essa é a forma mais fácil para ela. É, é o que ela conhece também. E o que ela acha que a gente conhece! Então, eles pensam “vou pedir contação de história para eles” (os bibliotecários). E acaba não conhecendo outras possibilidades que poderíamos desenvolver. Que precisava ser estudada junto com as escolas, junto com a SME, junto com os bibliotecários... e a gente propor uma série de atividades que seriam pertinentes na biblioteca. Mas como eles só conhecem contação de história então vamos cobrar só contação de história. Ou uma outra atividade que a gente consiga desenvolver em paralelo... uma exposição. Só que uma exposição que você faz não tem divulgação, então as pessoas também acabam não conhecendo, é um ou outro que frequenta a biblioteca que vai ver aquela exposição além das escolas e é só. Então eles pedem o que eles conhecem.

Entrevistado: Bibliotecária 3, 33 anos. Trabalha em CEUs da Zona Leste há 9 anos e no CEU onde está atualmente há 8 anos.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Eu fiz Biblioteconomia na USP de Ribeirão Preto, me formei em 2007...

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Eu estou terminando minha segunda graduação, em Administração na Unifesp de Osasco. Mas antes fiz também pós-graduação, especialização, no Mackenzie em Gestão de Negócios. Eu queria mudar de área, mas não deu certo. Vi que só com outra graduação eu conseguiria, por isso entrei em Administração.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Olha, na faculdade a gente vê o que é Biblioteca Pública e o que é Biblioteca escolar... Mas esse hibridismo que a gente vê quando chega no CEU? Isso a gente não vê, não. Eu até me lembro de alguns artigos que os professores passaram que comentavam sim, sobre o surgimento de bibliotecas híbridas, mas não falavam especificamente das bibliotecas dos CEUs; falavam também de bibliotecas comunitárias, que faziam parcerias com o poder público, ou falavam de bibliotecas que tinha uma parte do seu acervo disponível fisicamente e outra parte virtualmente... Enfim... a gente tinha a impressão que esses exemplos de hibridismo eram situações novas, recentes à época... E por isso mesmo esses conceitos não estavam consolidados o suficiente para a gente ver em livros e tal... como ocorriam com os outros conceitos... Imagino que atualmente os estudantes já estejam vendo algo sobre isso de uma forma mais extensa, sei lá. Ou, na verdade, é isso que eu espero (risos). Para que não caiam nas situações que muitos de nós caímos.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Olha, eu acho um desperdício isso aqui... Poderia ter muito mais atividades... Porque até mesmo se pensarmos que a biblioteca do CEU é uma biblioteca híbrida, isso significa que ela deve ser ao mesmo tempo escolar e pública. E isso não é o que ocorre com essa biblioteca aqui. Estamos amarrados às

unidades escolares. Agora que nós estamos pensando em mudar algumas coisas, tentar achar uma brecha, a colega tem pensado em aproveitar mais os finais de semana... sei lá. Mas aqui infelizmente a esmagadora maior parte do tempo nós estamos presos às Unidades Escolares... O que é péssimo porque mesmo quando eles não vêm à biblioteca nós temos que estar disponíveis para o caso de virem. Para mim isso é um absurdo. E, a verdade é que nós até poderíamos fazer com eles atividades diferentes, mas como são muitas turmas e nunca sabemos ao certo quando virão e como será, não sobra muita energia ou tempo para elaborar coisas diferentes...

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Ah... a gente percebe que tem gente que gosta mesmo, faz curso e é bom nisso. Só que também dá para perceber que essa não é a realidade da maioria dos bibliotecários... E entre estes que não praticam contação de história há os que oferecem outras atividades, lúdicas, variadas, interessantes... o pessoal é criativo mesmo, sabe? Habilidoso. Esses são os que conseguem, digamos, burlar a gestão ou os coordenadores que ficam pedindo contações e contações. Porque a verdade é que todos os CEUs são geridos pela SME, mas cada CEU tem seu gestor, e cada gestor age de um jeito. Há os que são mais autoritários e menos criativos, que pressionam mais por contação de histórias, há os mais diplomáticos... os que são diplomáticos, mas são também terrivelmente pressionados pela coordenadoria da Diretoria Regional do seu CEU, enfim. As pressões não chegam a todos os bibliotecários da mesma forma, assim como os bibliotecários não agem da mesma forma também... é um jogo de forças...

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) Aqui atividade de contação de histórias nos CEUs me parece exagerada. Tem bibliotecários que parecem verdadeiros artistas. Isso é ótimo! Mas será que a gente deveria fazer só contação de história? Ou mediação de leitura? Nos chamaram para participar de um evento da SME um tempo atrás. Pensei "que máximo, vamos aprender técnicas diferentes". Cheguei lá, eram novas ideias para fazer o quê? Contação de Histórias, mediação de leitura, etc... Parece "novas ideias para fazer os velhos projetos"... sei lá... Mais do Mesmo... Antes e por muito tempo aqui quem sempre fez era a coordenadora. Uma pessoa admitida, comissionada... Isso significa "pessoa que tem compromisso com a gestão política que estiver comandando". Os bibliotecários coordenadores não costumam ser tão ligados a política, mas é claro que a pessoa acaba tendo uma certa obrigação de mostrar números. Resultado: a coordenadora que entrou aqui em 2011 conseguiu "levar a coisa" sem ter de se expor até 2012, mas em 2013 entrou um novo prefeito, uma nova gestão no CEU, para a qual ela teve que "mostrar serviço", sob risco de perder o emprego. Daí você imagina uma pessoa tímida, sem perfil ou talento para fazer uma atividade como mediação de leitura ou contação de história, se colocando meio que "a força" nessa situação. Eu não falava nada porque também não tenho o perfil para fazer essas coisas, e na verdade nunca quis fazer, mas a inadequação era evidente. O bom foi que a pessoa realmente se esforçou, e com o tempo até conseguiu fazer uma contação que prendia a atenção das crianças. Por ela ser uma pessoa muito simpática as professoras gostavam dela, e assim a coisa foi indo até 2017, quando ela saiu. Desde então, minha colega bibliotecária efetiva, que gosta dessas atividades, assumiu a tarefa. E ela até me ajudou a desenvolver um pouco nisso, porque quando ela não está, ou quando ela fica sem voz eu faço. Hoje em dia até gosto do contato com as crianças. Mas, se eu pudesse escolher não faria. Não é meu perfil. A gente faz o que pode. Mas, não concordamos totalmente. Nesse CEU a coisa é muito "escolar". Às vezes parece que são as escolas que mandam na gestão. E mesmo quando aparece uma gestora querendo fazer diferente, querendo organizar melhor as coisas, as diretoras das unidades se unem e reclamam... É meio injusto até.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Como me preparei? Eu não me preparei, esse é o problema. Nem queria me preparar. Eu tinha a intenção de trabalhar mais com adultos, ou com estudantes fazendo pesquisa escolar. Esses eu gosto de atender... Acho que se tivessem me convocado para trabalhar em uma das bibliotecas da Cultura (SMC) eu teria gostado mais. Mas as bibliotecas de CEUs, com esse público mais carente, que não sabe direito nem para quê serve uma biblioteca, eu não me sinto identificada. E não vejo problema nisso, porque sei que tem gente que gosta. Então, quem tem que trabalhar em CEU é quem gosta. Deveria ter sido assim. Minhas únicas experiências foram com a mediação de leitura. Antes eu nunca tinha feito nada. Até que minha colega me propôs sentar junto comigo para fazer mediações de leitura com as turmas... E assim eu fui me soltando mais. Mas como eu disse: não é minha praia. Faço o que posso, só quando é necessário.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) Os bibliotecários não parecem ter formação para isso... Tem alguns que são verdadeiros artistas... mas o pessoal corre atrás por conta própria... E tem gente que faz por instinto mesmo... Vai fazendo, vai testando e vai desenvolvendo uma técnica pessoal. Sei lá. Acho que a prefeitura poderia dar cursos e coisas assim para quem gosta. Acredito que muitos se interessariam.

P.i) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) Não sei se acontece em todos os CEUs, imagino que sim, de formas diferentes talvez. Mas acho que todas as bibliotecas dos CEUs sofrem certa pressão por apresentar números de contação de histórias ou mediação de leitura, ou algo assim. Eles não pressionam necessariamente por “contação de histórias”, mas fazem forte pressão para atendermos as unidades escolares, e dizem que temos de atender com atividades dentro do “universo da biblioteca”. Posso te dizer que 100% das vezes escutei de dirigentes da DRE (Diretoria Regional de Educação) a sugestão de “por exemplo, fazer contação de história”. É até engraçado porque temos sempre a sensação que eles não têm ideia do trabalho que um bibliotecário pode realizar, então a única sugestão que têm para dar é essa (risos). E isso se completa com as formações que a SME oferece às vezes, que sempre tem algo a ver com “contação de histórias”... então ficamos nisso.

P.j) Em que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Olha, a contação ou a mediação ajuda muito sim, mas ao menos aqui a gente não vê uma continuidade no serviço. E como nunca foi possível tentar algo diferente, por diversos motivos, acabamos que não sabemos se daria certo um trabalho diferente. Meus colegas por vezes têm umas ideias, contam coisas que eles faziam juntos quando trabalhavam no outro CEU. Enfim... Minha colega até tem feito uns cursos para tentar oferecer umas oficinas diferentes... Porque uma coisa sabemos: só contação ou só mediação, por mais que ajude muito não faz milagre.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) Acho que a SME escolhe a contação de histórias por dois motivos: primeiro porque é mais fácil, mais barato, dá mais números. Pensa que a gente faz um atendimento só e para a estatística o número que entra é de 20 ou 30 atendimentos, dependendo, é claro, do tamanho da turma. Segundo motivo é que eles são pedagogos, as pessoas que ocupam os cargos em SME são professores de formação, são coordenadores pedagógicos... eles têm a “escolarização” na cabeça. Um manda os outros obedecem, todos quietinhos, sentadinhos prestando atenção no professor, leitura para depois fazer a prova, ou para uma

competição de leitura, enfim... O bibliotecário tem um trabalho mais voltado para a leitura prazer, o instigar a pessoa para a leitura, sem competição, sem currículo a ser atendido... A formação que a biblioteca oferece ou possibilita é a auto-formação, sem cobranças, sem necessidades externas. Acho que isso eles não conseguem entender de verdade. E com essa lógica de raciocínio escolarizada fica difícil criar coisas fora desses limites. A contação é a resposta mais óbvia... É o máximo de leitura prazer que eles conseguem entender: o professor lê e os alunos escutam, e tem que gostar no final. (risos).

Entrevistado: Bibliotecária 4, 40 anos. Trabalha em um mesmo CEU da Zona Leste há 2 anos e meio.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Eu fiz biblioteconomia na ECA, estudei lá de 2008 a 2011, antes disso eu fiz Letras, também na USP, na FFLCH, de 1999 a 2004.

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Fui professora antes de ser bibliotecária. Fiz um curso de pós-graduação, uma especialização da FESPSP, chamada Gestão da Informação Digital e esse curso não tem nenhuma relação com meu trabalho no CEU.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Sobre o que eu já vi na faculdade sobre biblioteca pública... eu cheguei no CEU sem saber direito o que eu ia encontrar, e pensando no que eu tinha lido brevemente que a biblioteca do CEU era uma biblioteca híbrida. E com a convivência, no trabalho diário acho que é as vezes difícil ter essa noção de... essa identidade, na verdade. A biblioteca é pública ou é escolar? E a gente as vezes fica patinando entre uma coisa e outra. E não consegue fazer bem nem a parte pública e nem a parte escolar porque não sobre tempo e fôlego para exercer as duas coisas. Pensando que fosse as duas coisas, pública e escolar ao mesmo tempo, eu acho que falta ainda muitos projetos para abarcar principalmente o público adulto. Principalmente o público adulto na biblioteca do CEU onde trabalho. Eu não sei nas outras bibliotecas. A gente tem conseguido um público infantil, das escolas, um público infantil juvenil principalmente no período da tarde, depois que as crianças saem da escola, espontaneamente, mas de adulto muito pouco. Eles entram e saem da biblioteca só para pegar um livro, e são poucos os que frequentam. Então eu acho que seria preciso desenvolver ações com esse público, o público adulto, para que a biblioteca fosse mais, é, abrangente, o público idoso também... E eu acho que é assim: é um trabalho de formiguinha que depende bastante do profissional que está na biblioteca. Depende muito desse profissional criar vínculos com a comunidade, principalmente com os professores das escolas, e os professores do esporte (do Núcleo de Atividades Esportivas) porque pelo menos lá o público do esporte é muito grande e atrair esse público para biblioteca é um grande desafio.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Hoje nós temos alguns projetos em andamento que tem dado certo. Que é "O bebe também lê", e "hora da história" com EMEI e EMEF. E projetos que não são com as escolas: "Pintando o 7" toda sexta-feira, e "Se Joga" todos os sábados. Tem aula de crochê, com a professora voluntária, e estou com um outro projeto chamado "Mãos que criam" que é de artesanato em geral com as crianças, com as crianças, que é o público que eu falei na questão anterior que era o público espontâneo, infantil juvenil, crianças entre 9 a 12 anos mais ou menos, e... deixa eu pensar. Tem xadrez todo dia, que a gente pode

considerar que é um projeto também, acho que são mais esses que estão ativos. Tinha a aula de xadrez também. Acho que a gente tem tentado fazer, atividades. Além dessas que são mais... tem uma periodicidade maior tem algumas atividades extras, fizemos um encontro sobre contação de histórias esse ano com alunos da UniCEU e, tem as contações de histórias que vem da SME, que infelizmente não teve muito público... aos finais de semana... E eu estou envolvida então com a contação de histórias, “A hora da história”, “O bebe também lê” e o “Mãos que criam”, o projeto de artesanato. Esses é o que eu toco mais.

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Eu acho importante falar que depois de outubro que começou a ter as contações de história da SME, nós diminuimos as nossas contações de histórias, e as contações de histórias dos fins de semana tem tido pouquíssimo público. Teve um dia que foi uma criança assistir, teve outro que tinha 2. Eu acho que o dia que tinha mais crianças tinha umas 8 crianças. Mas, de fim de semana tem sido bem difícil conseguir participantes e não tem sido falta de divulgação. Nós temos divulgado bastante, mandando bilhete no caderno das crianças na agenda, indo em salas de aula, e a nova coordenadora da Cultura ficou na porta do CEU, distribuindo folhetinhos e falando com as mães, mas mesmo assim as mães falam que de fim de semana é muito difícil trazer as crianças para ficar meia hora na biblioteca só na contação de histórias. Então eu acho que essa... é bom frisar isso que tem acontecido... E nas reuniões escutamos dos colegas que tem sido assim também nas outras bibliotecas.

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) Então, como e disse, tem vindo essa contação de história da SME aos finais de semana desde outubro. E nos projetos “O bebe também lê”, mas principalmente no projeto da EMEI e da EMEF que é “A hora da história”, a gente procurou que não fosse só a contação de histórias. Tem um momento da ludicidade, antes de entrar na história, fazer uma música, aí tem a história, a finalização da história, mas o “depois da história” é deixá-los livres para acesso ao acervo, mas tentando que alguns alunos mais velhos, da EMEF por exemplo, façam mediação de leitura com os alunos mais novos. Então eu acho que esse momento “pós contação de história” é muito importante. Com a EMEF, como eles são maiores, a gente não fez só contação de histórias. A gente fez um outro projeto que é dentro do “Hora da História”, mas sobre... a gente chamou de livrão... que é de um livro grande que eles aprenderam quais eram as partes da capa do livro. O que é que tem na capa de um livro, geralmente: título, autor, editora, ilustrador, o que é que é uma lombada, o que é que é o miolo do livro, o que é uma ficha catalográfica (brevemente, sobre a ficha catalográfica) já como se estivesse abrindo o livro, quem que faz a ficha catalográfica, a gente foi falar que é que era um bibliotecário. A gente passou um vídeo sobre como se faz um livro, e depois eles tiveram que confeccionar a capa do próprio livro. Foi o projeto com a EMEF nesse ano. E então eu percebo que a contação de histórias serve bastante para divulgar o acervo da biblioteca. Porque depois a gente usou... a gente fez também um concurso de desenho, e a gente contou a história “Festa no céu”, “Festa no mar”, e as crianças tinham que fazer um desenho escolhendo uma dessas duas histórias, que estão no mesmo livro. E aí foi bem legal vincular o desenho à contação de histórias. Em outros momentos a gente via que as crianças queriam pegar emprestado os livros que foram usados na contação de histórias. Então eu acho que a contação serve bastante para divulgar o acervo e também para as crianças se sentirem parte da biblioteca, mas também se sentirem conhecidas, e nos conhecerem como bibliotecários. Eu percebo que eu passo e as crianças já me conhecem, entendeu? E elas voltam depois para fazer a carteirinha com os pais. Então é isso: tanto para divulgar o acervo e quanto para divulgar o espaço da biblioteca. Eu faço essa atividade. A periodicidade: “O bebê também lê” de 15 em 15 dias, nós atendemos 4 turmas, 2 de manhã e 2

a tarde. Não sou só eu que faço, temos dividido entre as 3 bibliotecárias, mas principalmente entre a Priscila e eu, e a Vânia auxilia um pouco, não faz a contação sozinha, ela auxilia a gente. Com a EMEI toda terça-feira, e nós atendemos 3 turmas de manhã e 3 turmas a tarde. Ah! Voltando: CEI, “bebê também lê” a atividade dura meia hora. Meia hora envolve eles subirem à biblioteca, ouvirem a contação e terem um tempinho de acesso ao acervo, eles estão aprendendo a manusear, com todo aquele cuidado, para não rasgar, a gente está ensinando. EMEI: a atividade dura por volta de 40 minutos também envolvendo tudo, subirem, fazerem a atividade, terem acesso aos livros, e saírem da biblioteca. A EMEF tem uma periodicidade diferente: nós temos 3 dias que atendemos o “Fundamental 1”, é segunda-feira à tarde, quinta de manhã e sexta à tarde e aí vão revezando as turmas. O que aconteceu? Isso foi em 2018, até o mês de outubro, porque nós não estávamos abrindo mais de domingos e feriados. Depois que voltamos a abrir de domingos e feriados nós, com o número de “DSs” (Descanso Semanal) durante a semana, é, muitas dessas atividades tiveram que ser canceladas. Porque não tinha funcionários principalmente no período da manhã. Então a gente cancelou bastante atividade no período da manhã, por conta de DS e férias de funcionários. É... resposta do público participante... As coordenadoras elogiaram bastante a parceria. A coordenadora da EMEF, diz que quer que o ano que vem a gente tope de novo fazer esse projeto com as crianças e CEI e EMEI também. Qual vai ser nossa dificuldade para o ano que vem? Vamos estar em 3 bibliotecárias, vai continuar abrindo sábado, domingo e feriado, e a gente não sabe se vai dar conta de ter uma agenda de atendimento como a proposta desse ano. Então 2019 talvez seja... a gente fale pras coordenadoras que a gente vai fazer sob demanda, que cada professor que estiver a fim de levar sua turma vai lá na biblioteca e agenda seu horário. Aí, por exemplo, a gente deixa as terças-feiras para EMEI, aí os professores interessados vão lá e agendam. Quartas, de 15 em 15 dias para o CEI. O CEI é o mais fácil de atender porque é de 15 em 15 dias e também não envolve tanto cuidado com as crianças, porque as professoras que levam as crianças do CEI são mais participativas, e também o número de crianças do CEI é menor do que o número de crianças da EMEI...

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Eu fiz o curso... Antes de entrar no CEU eu tinha começado a fazer o curso da prefeitura, que é oferecido principalmente na biblioteca Hans Christian Andersen, mas eu fiz na biblioteca Narbal Fontes, que eu morava na época na zona norte. Eu tenho participado de algumas atividades com relação a contação de histórias, fiz um outro curso na Hans, sobre personagens infantis, e eu acho que foi muito importante para eu sentir segurança para começar na contação de histórias. Inclusive eu acho que não deve ser de qualquer jeito feito essa atividade de contação ou de mediação de leitura. Deve-se ter um cuidado na escolha, na forma... E na verdade até me incomoda quando as pessoas acham que é só contar uma historinha e está tudo bem. E quando algumas pessoas mostram até um preconceito, eu acho, que não precisa ter grande preparo para receber a EMEI, EMEF, é só contar, pegar um livro e contar uma história. Eu, ao contrário, eu acho que tem que ter muito cuidado e preparo sim, pesquisa e preparo para essas atividades.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) O que eu tenho visto: a faculdade não existe esse tópico, de contação de histórias, pelo menos na ECA... e eu estudei de 2008 a 2011, e nunca foi falado disso. Eu vejo que as pessoas que fazem, ou fizeram curso extra, ou elas fazem e agem por instinto, vamos dizer assim, por imitação, do que elas já viram, então não há uma formação. Eu acho que seriam interessantes... eu acho que não no curso de biblioteconomia, mas... hmm... quando você começa a trabalhar no CEU há essa necessidade... Apesar de que acho que vai se fosse obrigatório que os bibliotecários fizessem esse tipo de formação, eu acho que ia

ser muito complicado, porque muitos bibliotecários não se veem na obrigação de fazer esse tipo de atividade. Então eu amo fazer, mas eu não vejo que seja obrigatório que haja contação de histórias nas bibliotecas dos CEUs, mas atividades de mediação de leitura e de promoção da leitura, que podem ser outras, não obrigatoriamente contação de histórias, porque nem todo mundo tem perfil para isso. Mas não é por não ter perfil de contador de histórias que ele deva deixar mediação de leitura e a promoção e divulgação do acervo. Então eu acho que outros tipos de atividades, por exemplo, no projeto “Se Joga”, nós criamos um joguinho... não criamos, existe um jogo que chama “Conte”... alguma coisa, eu não me lembro... “Conte-me”... algo assim... não lembro o nome do jogo, mas é um jogo que você conta histórias com cartas. Então eu acho que os bibliotecários dos CEUs têm de buscar outras atividades que promovam a leitura. Aqueles que não queiram contação de histórias, e mesmo os que querem contação de histórias é legal ter essa diversidade. Eu vejo que as crianças se interessam muito por artes, e eu gosto de artesanato, trabalhos manuais... então tentar vincular uma coisa na outra eu acho que é bem interessante.

P.i) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) Na verdade eu não tive nenhuma orientação da SME, eu não me lembro de ter recebido nenhuma orientação desde que eu entrei especificamente sobre contação de histórias. Houve reunião para o uso do Alexandria, agora no último momento teve algo sobre contação de histórias, mas não fui nessa formação. Particpei de seminários sobre leitura, mas não exatamente sobre contação de histórias, então eu acho que a SME não tem dado orientação sobre contação de histórias até o presente momento. Não sei se antes de 2016 havia esse tipo de informação, então não influenciam. As orientações não influenciam porque elas não existem. Pressões por contação... acho que também não.

P.j) Em que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Eu já vi críticas com relação a isso: “será que contação de histórias forma leitor?” E aí eu fiquei pensando muito sobre isso. Eu tenho buscado sempre mostrar o livro, de onde vem a história. Nem todas as histórias vem de um livro, mas quando vem deve-se mostrar o livro. Fazer algumas atividades de contação de histórias que sejam mais, na verdade, de mediação de leitura, usando o próprio livro, e não outros recursos, como às vezes eu faço também. Então sempre variar entre contações de histórias e mediação de leitura. Porque eu estou falando isso? Porque eu estou diferenciando contação de histórias, aquela que não usa o livro, usa outros recursos como fantoche, ou só a oralidade... e a mediação de leitura que seria a que o livro está presente como centro da história e da mediação. Às vezes... tem 2 histórias? Uma sempre será com o livro presente. Para mostrar: olha, vem daqui! E eu vejo que crianças, por exemplo, até pequenas, da EMEI principalmente, depois, quando tem o momento para elas folhearem os livros, alguns imitam os gestos da mediação de leitura, da forma de segurar o livro e mostrar para o outro. E até emociona quando a gente vê uma criança imitando esse gesto de contar histórias e de mediar leitura. Agora, outras técnicas... eu acho que jogos. É uma coisa que chama muita atenção. A gente fez em alguns momentos o bingo literário. Não sei se você conhece, Solange, mas é assim: em vez de números na cartela a gente colocava nomes de livros e sorteava. Ao sortear os títulos dos livros a gente falava um pouco sobre o enredo. E foi muito legal que os alunos começaram a procurar esses livros. Outra coisa que a gente fez também foram cartinhas. Essa fui eu que... por um mês mais ou menos algumas crianças receberam papel de carta. Eu tinha uma coleção de papéis de carta e resolvi me desfazer dele... dessa coleção, e aí eu escrevia uma carta para criança indicando um livro, e a condição era que ela me respondesse num papel de

carta bonito me indicando outro livro que ela tinha lido. E foi uma atividade bem bacana essa de troca de cartas falando sobre os livros que a gente tinha lido. Eu acho que além dessas atividades de contação em grande grupo, acho que o que é muito legal também é o trabalho individual. Eu comecei a ler um livro e não terminei ainda, mas é o “Deixe que leiam” e aí ela fala muito dos pequenos grupos. A autora defende muito o “small is beautiful” que seria trabalhar com os pequenos grupos e não com os grandes grupos. Que isso traria mais... seria mais efetivo porque você ia estar ali mais presente, do lado da criança, acompanhando a criança. Então eu tenho tentado sentar com algumas crianças que estão na biblioteca e ler um livro com elas, entendeu? Eu acho que isso é muito bacana. Pode não dar estatísticas, até ela (a autora do livro) fala assim “a biblioteca não é o lugar de grandes estatísticas”. E eu tenho levado isso como meta de sentar e ler com uma criança, e nisso, criar um vínculo com essa criança, conversar sobre o que a gente leu, dar voz para que ela leia, então já há um treino aí da leitura, as mães adoram quando sabem que eu deixo a criança lerem. Então eu leio uma página, a criança lê outra página. Tem sido assim.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) Então... essa... eu tenho falado aí sobre as contações de histórias vinda da SME. Por um lado eu acho legal porque são profissionais e eles têm um preparo para isso. Por outro lado, eu acho que tem um problema que é não criar vínculos entre o contador de história e a criança. Quando é com a gente, há um vínculo, porque há uma periodicidade maior e as crianças continuam nos vendo na biblioteca, pelos corredores, pelo CEU. Então eu acho que é assim, quando é com a gente a contação de história, pelo menos comigo... E nesse ano e vesti de Emília (personagem dos livros infantis de Monteiro Lobato), saí pelo CEU, contei histórias como Emília. E, nossa, as crianças... e não só as crianças, até muitos funcionários, começaram a me chamar de Emília. E eu “Não”... Para as crianças eu falava “não era eu, era outra pessoa a Emília”, mas elas sabem que era eu. Porque eu tenho que ficar com os óculos, não consigo ficar sem os óculos. Então eu vejo que quando eu passo, as minhas amigas também, a Priscila, a Vânia, as crianças vêm, dão abraço... então há uma continuidade do trabalho. Então... depois que eu já citei “Vem fazer a carteirinha”... E essa prática de contação de histórias que seria mais espetáculo não cria esses vínculos. Eu acho tem que ter as duas coisas. Esse espetáculo é muito legal, essas pessoas são profissionais, mas elas não criam vínculo com as crianças, porque é uma vez que elas vão lá na biblioteca.

Entrevistada: Bibliotecária 5, 36 anos. Trabalhou em um CEU da Zona Leste de 2008 a 2011 (3 anos e meio) e trabalha há 7 anos em CEU da Zona Oeste.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Eu estudei na Universidade Estadual de São Paulo, a UNESP de Marília de 2003 a 2006, então eu estou formada há 12 anos... Eu não fiz, eu não cursei outra graduação, de ensino superior...

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Eu fiz duas pós-graduações. As duas foram especializações, a primeira que eu fiz foi Gerência de Sistemas e Serviços de Informação pela FESPSP e a segunda especialização foi em Gestão Pública pela Universidade Mogi das Cruzes (a UMC). Eu acredito que a especialização teve total relação com a área de biblioteconomia, já a segunda em Gestão Pública se relacionou muito mais com a rotina da vida pública, mas eu acho que para o dia-a-dia no CEU, para rotina do meu trabalho na biblioteca elas não contribuíram de fato. Porque na “Gestão Pública” você vê mais a questão da burocracia, da máquina pública... e a rotina em CEU é completamente diferente das bibliotecas comuns que a gente está

acostumada, tanto a biblioteca pública, quanto a biblioteca escolar, quanto a biblioteca especializada... a biblioteca de CEU tem suas peculiaridades.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) As atividades culturais que ocorrem nas Bibliotecas de CEU devem ser de qualidade, com conteúdos diversificados, como oficinas, teatros, contações de história entre outras atividades. E principalmente devem manter uma regularidade, pois se essa regularidade não ocorrer, e as atividades não forem frequentes fica muito difícil criar público, fazer com que esse público seja fiel na biblioteca.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) No momento tivemos que reduzir a maioria das atividades devido a redução do quadro de funcionários. Atualmente ocorrem algumas contações de histórias e exposições temáticas. Em outros momentos ocorreram diversas oficinas temáticas, concursos de poesia, contações de história, saraus adultos e infantis, e exposições e essas atividades ocorriam com muito mais regularidade.

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Sobre a atividade de contação de histórias, é fundamental no processo de formação de leitores. É ela, juntamente com o encantamento das histórias que vai auxiliar no interesse de cada leitor por mais livros e por mais histórias. É a contação que vai dar vida a cada história contada. Nos CEUs, na nossa rede, tem muita coisa boa sendo feita pelos bibliotecários, mas não é todo mundo que tem o perfil.

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) Bom, até a contratação de contadores de histórias pela SME no último semestre este serviço na nossa biblioteca... ele estava parado. Nem eu nem minhas colegas temos perfil para isso. Essa contratação foi pontual e ocorreu de agosto a novembro agora de 2018. Em média de uma a 2 vezes por mês, tendo um público médio de cerca de 15 pessoas por contação. E elas ocorreram somente aos finais de semana.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Eu não faço essa função.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) Na biblioteca, neste momento não temos um funcionário que desenvolva essa atividade de contação. Essa atividade, para mim, é uma arte. Tem um desenvolvimento de um lado lúdico, e nem todas as pessoas tem essa habilidade. E, para aqueles que amam essa arte, é importantíssimo se aprimorar buscando formações e cursos depois da faculdade. Sei de colegas que gostam, mas isso é gosto pessoal. Eu me desenvolvi muito na parte de processamento técnico.

P.i) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) A secretaria contratou para nossa biblioteca (contação de histórias). Essas contratações de profissionais contadores de história foi um ganho porque esse serviço cultural não estava ocorrendo na nossa biblioteca por falta de funcionário, por falta de pessoas que tenham essa habilidade, que amam essa arte. A gente espera que essa política se torne irregular, e que não seja algo pontual, somente nesse ano. Sempre que há contações de história nós percebemos que há um aumento desse público na biblioteca. Então, haver mais contações significa ter mais público e sendo assim uma ação muito positiva para nós.

P.j) Em que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) As contações de histórias muitas vezes lúdica e dramatizada, é uma das atividades que incentivam muito a leitura. Contribuem no estimular a imaginação, aguça a vontade das crianças e adultos em conhecer o livro, físico, e outras histórias também. Eu acredito que outras atividades que também contribuem para a formação dos leitores são os saraus, os clubes ou rodas de leitura, oficinas específicas que sejam voltadas para leitura, teatro, entre outras.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) Bom... como sempre as contações foram ações pontuais... eu não acredito que a secretaria prioriza alguma atividade cultural nas bibliotecas dos CEUs. E vejo que tudo fica a cargo dos bibliotecários e das suas habilidades. Por isso que cada bibliotecário em cada CEU desenvolve atividades diferentes, às vezes elas coincidem, mas elas são de acordo com o público e as habilidades que o bibliotecário tem para por em prática... essas atividades. Eu acho que é isso...

Entrevistada: Bibliotecária 6, 36 anos. Trabalhou em CEU da Zona Sul por 3 anos e meio, depois atuou em CEU da Zona Leste por 1 ano, e retornou à Zona Sul, trabalhando lá em CEU por 2 anos.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Me formei na Universidade Federal de Minas Gerais em 2008. Faz quase 10 anos...

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Não fiz nenhum outro curso superior. Quase comecei Graduação de História, mas não deu. Fiz uma pós-graduação em 2009, 2010... Foi Gestão de Memória e Cultura na Unifai, nem sei se existe mais... Mas foi porque na época eu queria trabalhar com a área cultural e eu trabalhava em uma empresa, então eu queria mudar de área, foi uma pós com a ideia de memória... foi muito legal. Foi mais de formação pessoal. Depois disso, que eu entrei no CEU, 2, 3 anos depois que eu entrei no CEU, de lá para cá não fiz nenhuma pós-graduação relacionada com isso. Eu fiz cursos no SESC também, fiz cursos maravilhosos sobre a história do romance, fiz cursos voltados para literatura, participo de oficinas de SisEB, do próprio SESC, mas pós-graduação não fiz, especialização, nada. O mestrado, às vezes que rola umas ideias, mas depois parece que não é ideia nenhuma. Então no momento oficialmente não estou estudando nada. Só esses cursos livres mesmo, e trocas de ideias, leituras paralelas, mas nada formalmente, nada oficial.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Pensando na própria ideia de CEU, seriam ações que dão voz à comunidade. Que dão voz ao entorno. Eu enxergo a biblioteca de CEU muito mais para a comunidade, mais descolada da escola, mas que na prática acaba sendo mais para escola (risos). Mas, eu acho que as ações culturais que deveriam ser desenvolvidas seriam ações que dão voz a comunidade e que vão ao encontro do que a comunidade precisa. Como o mundo de biblioteca de CEU é muito diversificado, cada biblioteca de CEU você tem, parece que um mundo mesmo, é essa impressão que eu tenho, mesmo que algumas ações sejam muito parecidas, ainda assim eu consigo ver que cada biblioteca é um espaço, e eu acho que tem um pouco a ver com a comunidade do entorno. Mas, as ações culturais deviam ser feitas dessa forma. Claro que pensando na questão da leitura, na questão do livro, mas que desse ouvido às necessidades da comunidade. Às vezes, isso acaba tendo até que se flexibilizar um pouco. Essa ideia de trabalhar só leitura. Coisa que eu acho que é um limite bem sutil. Também eu acho que se for só nessa "onda" do que a comunidade quer

falar você corre alguns riscos. Eu acho que tem que ter a ideia de estímulo a leitura, ao leitor. A ideia da literatura e do livro tem que ser a principal, pelo menos eu tenho essa ideia. Mas que tem que se flexibilizar, tem que interagir com a comunidade e aí nesse processo de interação com certeza você sai um pouco dos formatos que a gente está acostumado, ou pelo menos que a gente aprende nas teorias.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Na verdade, esse ano foi um ano atípico de ação cultural. Eu voltei para cá esse ano, a equipe começou a se integrar. Então eu achei que de atividade cultural não foi tão produtivo mas, em questão interna, de organização da biblioteca, de realmente rever as coisas, foi muito bom. De rever o espaço, de mudar, de tirar coisa que não se usava mais ou que estavam atrapalhando, de inserir coisas que já poderiam ter sido inseridas (na base de dados), enfim, internamente, como uma organização do espaço, foi muito bom. Mas as atividades culturais que nós estamos envolvidos diretamente são um pouco com as escolas, de virem usar o espaço, de fazermos treinamento de usuário. Nos outros anos a gente teve clube de leitura, contação de histórias (risos), não feita diretamente por nós, que não é o perfil das pessoas que trabalham nessa biblioteca. Sarau, exposições com material de alunos inclusive, muitas intervenções pontuais. Às vezes de acordo com o calendário anual... não vou dizer nem escolar, mas com coisas que estão em voga: por exemplo, dia da mulher, período eleitoral. Então a biblioteca está diretamente ligada a coisas que estão “rolando” e que a gente acha que pode dar luz ao nosso acervo. Convidar as pessoas para vir conhecer o espaço. Então, diferentes de algumas bibliotecas que tem aquele projeto padrão e todo ano desenvolve em cima dele, nós temos feito algumas coisas de acordo com o período. Esse ano não conseguimos fazer o clube de leitura voltar, porque tem toda uma mudança. As pessoas, os meninos foram crescendo e a gente não conseguiu que quem viesse atrás tivesse a mesma disposição dos anteriores, então o clube de leitura é uma coisa que é muito legal e está parado. O Sarau a gente voltou aos poucos, porque em alguns momentos a gente achou que estava desgastado o formato, mas agora a gente já conseguiu ver um novo respiro. Participação de escritores da região foi uma coisa que a gente já conseguiu muito em outros anos. Nesses últimos 2 anos está mais devagar. O ano passado teve a questão do vestibular, que conseguimos fazer várias oficinas para o vestibular. Esse ano a gente já não conseguiu pessoas, já estava com outro público. Esse ano a gente está com um público realmente muito escolar, ligado em quadrinhos (risos).

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Como eu percebo as atividades de contação de história nos CEUs? Eu gosto de dar uma pontuada. Porque tem a contação de história do bibliotecário e tem a contação de história que é contratada pela SME! Enfim, eu percebo que a contação de história realmente é o mote. Não sei se começou com os colegas ou se é uma coisa que, por exemplo, que a Secretaria quer investir. Ela investe em contação de história. Eu acho legal, é uma ideia bacana. Mas, artisticamente. Claro que tem colegas ótimos, que são preparados inclusive, já estão com capacidade de ganhar (financeiramente) fazendo isso, então aí são pessoas que estão realmente diferenciadas em relação aos outros colegas, são pessoas muito boas, ou que já tinham talento, ou que desenvolveram trabalhando no CEU. Eu não sei. Que gostam! Então eu acho que é assim, a contação de histórias é legal quando vem com um “quê” a mais, uma pessoa que sabe interpretar aquela história. Mas o que eu percebo que o que é feito de contação de histórias nos CEUs é muito para preencher horário também. Os professores querem trazer as crianças, a biblioteca quer ter uma atividade. Então fica bom para os dois lados. Só que aí entra aquela história: não tenho como julgar 46 CEUs, nunca vi outros CEUs fazendo. No CEU que eu trabalho não é uma prática, as bibliotecárias que

estão aqui não têm esse perfil de contador de história até porque se a gente for pensar é uma coisa além da profissão. “Além” assim: não uma coisa que seja obrigatória, não faz parte da grade (curricular), não é uma coisa que chama os colegas para fazer a faculdade, ninguém vai fazer a faculdade porque vai aprender a ser contador de história, é uma questão artística também. Então aqui não é um mote (risos). Não é aquela coisa que puxa a biblioteca. Já fiz algumas poucas vezes. Duas vezes em 6 anos. Estive numa biblioteca que tinha essa prática e para mim foi horrível porque a contação também era assim, totalmente de propósito, simplesmente para preencher grade. E era assim: então toma; você tem aqui as crianças, você atende aí todas as salas, elas vêm quando elas querem, as crianças já não veem novidade nenhuma porque todo dia e toda vez é aquela mesma coisa. Então pronto: preenche o horário da biblioteca e preenche o horário da escola, enfim. Não foi uma experiência que eu gostei. Já não gostava muito de contar história nesse formato de ir lá na frente e tentar explorar a história, porque para mim aí que entra a diferença: a gente juntar uma turma e ler uma história, isso não é uma contação, entendeu? Para mim contação é algo mais. Mas aí também tem que definir o que que é contar. Então para mim a contação é algo mais. Quando eu pego um livrinho e leio para uma turma eu estou fazendo uma mediação, para mim. Não sei. A gente pode discutir essa questão do que é para cada um contar história. É legal a ideia, quando vem uma contação de fora, você realmente vê que as crianças gostam, elas ficam felizes, é fora da sala de aula. Coisa que não acontece quando é (a contação de história) da biblioteca com frequência. Se é da biblioteca de vez em quando ainda prende a atenção, é uma novidade. Mas a experiência que eu tive de ser da biblioteca toda semana aquele mesmo formato, vira um “arroz com feijão” para as crianças, e aí se não for uma pessoa realmente dessas que eu disse que tem essa diferença de fazer uma coisa a mais vira uma leitura de livros, enfim, dispersa, na minha opinião. Não sei se isso tem a ver porque eu realmente não curto fazer, e aí então também, eu acho que a contação de histórias é legal para o CEU, é bacana, contar histórias é legal mesmo, as crianças gostam, mas eu acho que isso faz sentido com alguém profissionalmente preparado para isso. E como um fator diferencial. Agora, enfim, eu acho que é importante para o CEU ter, mas eu acho que seria maravilhoso se ela fosse feita com frequência por quem se prepara, se dedica para aquilo. Eu acho que os bibliotecários podem fazer outra intervenção. Esse usuário que é conquistado pela biblioteca, o “pré” e o “pós”. Mas a contação em si, eu acho que ela tem que ser feita por pessoas preparadas para isso.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Na verdade não me preparei (risos). Eu cheguei aqui no CEU e fui descobrindo que essa era uma das atividades e fui vendo. No começo eu tinha uma perspectiva de fazer mesmo, me dava um pouco de vergonha... “Ai, não sei se eu sirvo para isso”... E aí eu tentei algumas vezes, até em parceria e não gostei. Então eu acabei indo para outros lados, para outras atividades, clube de leitura, uma mediação de leitura para pequenos grupos, outras atividades. E daí também encontrei parceiros que não queriam trabalhar com essa linha de contação de história e aí isso foi ficando de lado. Quando eu tive que trabalhar obrigatoriamente foi péssimo, e aí também fiz por um tempo e depois não dei conta de fazer mais e acabei me voltando para outras atividades da biblioteca, mais processamento técnico... porque realmente não era minha praia. Então as ideias iniciais de até fazer curso, tal, foram se perdendo, porque pelo pouco que eu fiz eu não gostei e aí eu fui me afastando bastante dessa atividade, dessa realidade.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) Como eu percebo a formação do bibliotecário? Uma formação de interesse próprio. Na faculdade nenhuma. Eu mesma nunca ouvi falar disso nas bibliotecas pública. Claro que você olha a grade

you já vê, mas que eu me lembre não ouvi falar nada assim na função do bibliotecário. Então, como eu percebo da formação do bibliotecário? É de interesse próprio. Vejo alguns com uma ótima formação, e correndo atrás e se desenvolvendo. E outros como eu se distanciando. Ou outros ainda fazendo por fazer... "ah, tá, fiz uma contação de histórias", mas sem embasamento nenhum, meio que uma leitura de histórias mesmo, bem fraquinho... então, eu vejo muito como iniciativa pessoal. Então, as pessoas que tem iniciativa pessoal, tal, geralmente têm boas formações porque gostam e vão atrás, agora do restante, eu acho que, sabe que existem cursos, mas não é preparado.

P.i) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) Na verdade eu nem estou lembrando de orientações da SME. Não. Tem sim. Temos tido algumas formações que falam como é legal. Mas só me fazem perceber como é importante ser feita por profissionais. E é até uma contradição. Que quando você vê essas formações você tem lá um artista que faz, não um bibliotecário. Tem uma ou outra que é um colega, mas aí entra no que eu falei, é aquele colega que fez curso por fora, é aquele colega preparado, então, quando eu vejo, eu acho bacana, eu acho uma orientação boa, mas eu fico pensando o quanto nós que não somos preparados para fazer, que não temos formação, não queremos, não nos identificamos com essa área, o quanto é importante a gente valorizar quem é preparado e o quanto a gente está distante de fazer uma boa contação de história, se a gente quiser se meter a fazer só para preencher grade. Então quando a SME traz essas coisas eu acho ótimo, mas só desenvolve a nossa percepção do que é uma boa história contada. Não quer dizer que eu me sinto preparada para contar uma boa história.

P.j) Em que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Em que medida... Eu acredito que incentiva bastante, eu acho que faz a história pular do livro, faz a criança sobretudo, ou quem ouve, perceber quanto existe ali para ser explorado dentro daquele livro. Quanta gente olha às vezes para o livro e não consegue dar para ele o encantamento necessário, que ele tem. Eu acho que desperta isso nas pessoas. E aí vai nessa linha, desperta em alguns de alguma forma assim "nossa, que maravilhoso", em outros assim "ah, não é tão ruim quanto eu pensava", ou em outros assim "ah, é bom ler mais, mas não quer dizer que eu vou enxergar daquela forma". Eu acho que realmente é importante, é uma intervenção legal, a gente gosta muito quando tem aqui, participa, então eu acho que incentiva a leitura sim, traz uma nova visão do mundo. Mas eu acho que essas técnicas devem ser exploradas. Eu acho que a gente pode explorar o depois. Como que a gente vai conquistar esse leitor quando acabou a contação de história, para ele mesmo ter autonomia. Aí eu já acho que é um processo longo. De mostrar o acolhimento, mostrar que aquela biblioteca, aqueles livros, são para eles, são deles, que eles podem... Então, eu acho que é realmente uma constância, um jeito que vem junto do contar histórias, fazê-los perceber que é legal "tem muitas histórias que você mesmo pode ler". Eu acho que já entra mais no que eu chamaria de mediador. Primeiro tem aquele encantamento da contação de história, e é por isso que eu resalto e gosto dessa contação feita artisticamente. Não essa coisa que é a leitura de um livro que não traz dramaticidade nenhuma. Então eu acho que o que pode ser explorado é pegar esse gancho que a contação cria para outras medidas de incentivo à leitura que aí a gente vai vivenciando mais no dia-a-dia, tentar de repente pedir, pensando em crianças, que elas façam da mesma forma que elas viram... daí eu acho que dá para explorar dessa forma.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) A Escolha da SME? Eu acho que é prática e dá resultado. É prática porque você contrata, e tem muita gente bacana para fazer isso, você já tem garantia de que o negócio vai ser bem feito, é estruturado, é um pessoal preparado para isso. Você consegue oferecer para mais gente, então, uma contação consegue um número maior de pessoas, uma sala, duas salas. Eu acho que agrada professores, comunidade. Eu acho que é uma junção das coisas. Tem um efeito prático mesmo, de trazer a leitura para a vida da criança, a arte às vezes... geralmente musica também. Agrada o entorno, pega um número maior de pessoas, é prático para SME que faz com pessoal preparado, então eu acho que é uma conjuntura de coisas que faz dar certo. Mas eu acho que a SME podia diversificar. Mas eu também entendo que a prática de contação de histórias em biblioteca é muito bem vista. Então eu acho que poderia ter mais sarau, que eu acho que tem um pessoal bom para explorar. Eu acho que poderia ter outras coisas, acho que a SME se acostumou em priorizar... parece que tem na ideia muito o público da escola. Aí contação de histórias serve para toda escola. É nessa parte que eu acho que fica engessado, priorizando o público escolar. Poderia ter outras atividades que fossem voltadas mais para a comunidade e patrocinada, sei lá, palestra, sarau, coisas de música, roda de conversa, que seria bom para as bibliotecas explorar um outro público, podendo contratar gente que o público quer ver. Então eu acho que acaba ficando meio engessado só nessa coisa. Mas também sei que dá resultado.

Entrevistada: Bibliotecário 7, 30 anos. Trabalha há 6 anos e meio em um mesmo CEU da Zona Sul.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Eu fiz na ECA USP, me formei em 2011. Aproveito para dizer que... a gente na USP, essas matérias mais humanas, a gente só tinha 2, que era "Biblioteca e Sociedade" e "Teoria da Ação Cultural". E eu acho que falta muito nas faculdades um serviço de extensão. Que é uma coisa que eu queria propor até, para quem ainda dá aula. Em seu plano de aulas separar 1, 2 dias em que atuam para fazer um trabalho de campo com os alunos, para que conheçam o que está acontecendo nas bibliotecas, ou propor uma atividade em uma biblioteca para sentir na pele o que é estar nesse papel, para a gente não chegar tão "cru" no mercado de trabalho. A gente não tem uma formação voltada para esse olhar. É uma formação muito mais técnica, na maioria das faculdades.

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Eu fiz História agora, depois de Biblioteconomia... graduação em História.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Acho que tinha que pegar todos os públicos. De 0 a 100 anos. Então, considerar atividades para crianças, primeiro contato com os livros, então aí pode entrar a contação de histórias. Aí eu acho que tem que ter uma coisa mais para um público mais jovem, um clube de leitura, um sarau, uma coisa para adultos também, que daí eu acho que podia ser uma coisa meio 'biblioterapia'. Olhar como a leitura pode ajudar as pessoas a se entender melhor, e uma coisa para terceira idade, que daí eu acho que pode entrar tanto o contato com os mais pequenos. Pode ser um "avô conta um conto", que daí é um avô que entra como mediador de histórias, ou pode ser também atividades manuais, com voluntariado, alguma coisa desse tipo na biblioteca.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Tudo a gente não está conseguindo. A gente lançou, por exemplo, o “avô conta um conto”, a gente lançou isso para o pessoal que trabalha com artesanato no CEU, a gente fez a divulgação para eles e fez a divulgação também nas aulas de pilates e com os professores da Educação Física (Núcleo de Esportes). Só que a gente não recebeu ainda interessados, então eu acho que tem que ser um trabalho um pouco mais de convencimento dessas pessoas mais velhas que às vezes não se sentem confortáveis numa posição de destaque, mas eu acho que é possível de fazer. E isso para terceira idade. Aí, para o público mais adulto a gente tentou fazer o clube de leitura também, duas vezes, e também não teve público. Mas o que eu consegui fazer com esse público foram as pílulas de leitura que foi a gravação de pequenos vídeos de 1 minuto, 2 minutos, deles contando o que que eles acharam dos livros que eles tinham lido. Então eu peguei e “Ah, você leu o que? Você leu Persépolis! Então vem aqui e vamos gravar um vídeo com você contando por que você gostou desse livro”. Então essas coisas a gente conseguiu fazer. E o “eu achei” que é um formulário, um cupom, que a pessoa escreve o que achou do livro que leu, coloca dentro de uma urna, e daí a gente faz um sorteio, que na verdade não é um sorteio, porque a gente acaba pegando todas as pessoas que escreveram alguma coisa a gente sorteia, e aí chama as pessoas para retirar um livro pela participação dela no projeto. E a “hora do conto” (contação de história ou mediação de leitura), sim a gente conseguiu fazer esse ano, só que não mais... não tanto como a gente fazia. A gente fez durante muito tempo num ritmo muito produtivista, no mesmo dia a gente atendia 9 turmas de CEI, na semana seguinte a gente atendia 18 turmas de EMEI, uma seguida da outra, e a gente percebeu que estava perdendo a qualidade desses momentos, porque virou muito uma coisa de “ah, a gente tem que atender todo mundo”, sem pensar qual era a qualidade que estava sendo oferecida nesses momentos. Então a gente fazia a hora do conto, logo em seguida eles podiam explorar o acervo, e depois ia embora a turma. E logo em 5 minutos tinha outra turma chegando. Então foi uma coisa que a gente sentiu que estava tomando... pegando a equipe muito em cheio, e também sem deixar nada daquele tempo livre para que outras pessoas pudessem vir a biblioteca porque a biblioteca não pode estar o tempo inteiro com atividade acontecendo porque também tem gente que quer estudar, também tem gente que quer pesquisar, também tem gente que quer escrever um trabalho no computador. E daí se a biblioteca estiver o tempo inteiro tomada pelo ritmo da ação cultural a biblioteca acaba virando muito mais um palco de teatro e perde um pouco do outro caráter dela de ser um espaço com um pouco de silêncio para poder estudar fora de casa. Tem bastante gente que procura esse espaço para poder estudar. A gente fez um pouco do projeto “Memória” esse ano, então a gente também conseguir fazer um elo entre os mais velhos e os mais jovens, porque a gente pegou os mais velhos e eles foram até a biblioteca para contar sobre as memórias deles, do bairro, e a gente gravou também essas pílulas de memória, e os jovens, a gente fez uma semana de memórias em que eles iam até a biblioteca para ouvir essas histórias dos mais velhos sobre como que era o bairro antigamente. Então, tinha gente que tinha que carregar água na cabeça, com latão de água na cabeça, tinha gente que tinha que atravessar a rua com lama para poder ir trabalhar, e saía de galocha para poder ir trabalhar. Então todas essas histórias estavam longe da vida dos mais jovens e foi uma aproximação que a gente conseguiu fazer entre duas gerações bem distantes. Então foi isso que a gente conseguiu fazer esse ano.

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Acho que cada CEU tem uma realidade... Mas também há certas semelhanças, óbvio... até a escolha da SME de contratar contações para todas as bibliotecas já é uma indicação da situação, e do que a SME quer. Eu “tiro” muito pela biblioteca onde trabalho.

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) A gente está fazendo, mas está fazendo um pouco mais espetacular e não tão de “um atrás do outro”. Espetacular eu quero dizer é: a gente está investindo mais em qualidade da contação, então é uma contação que conta com 2 pessoas, com barulhinhos que a gente insere no meio... e não só a mediação do livro como a gente fazia que era só o livro e ler o livro para as crianças, a gente está... A última que eu fiz, eu fiz de boca, não fiz com o livro na mão, que foi “A árvore de Tamorumu”, então esse semestre a gente fez “A Árvore de Tamorumu”. A gente tem pensado mais nisso. Por exemplo: fazer “O Aladim”? A gente fazer “O Aladim” igual a gente fez em 2016, que era com a colega. A colega dança a dança do ventre, então ela seria a Jasmim entrando e fazendo a parte da princesa, e a outra pessoa contando a história. Então a gente meio que estava investindo numa coisa mais... da qualidade... E chamando mais crianças para ver esse espetáculo, e menos de mediar a história. Porque a gente sentiu que isso as professoras fazem em certa medida. Mas essa coisa mais teatral e um pouco de boca, e não só com o livro na mão a gente mostra o livro “Oh, essa história veio desse livro”, mas a gente não folheia o livro para eles, a gente tenta contar de boca. Nós diminuimos a frequência... Então foi porque a gente teve duas situações. A primeira situação foi que coordenadora comissionada foi exonerada. A gente ficou com menos uma pessoa. A segunda situação foi que a colega entrou em licença maternidade. Então a gente justificou tudo isso: “olha, a gente está diminuindo a quantidade porque não tem como continuar com uma pessoa só”. E aí, na época a Milena não estava contando história, eu que estava contando, não cheguei a contar muito por conta disso também, eu estava sozinha. E aí, agora, esse ano, quando a colega voltou a gente pensou: não... vamos fazer! A Sandra não conta. Então eu e a colega só. Só que vamos fazer meio diferente, então quando eu contei “Árvore de Tamorumu”, que foi a mesma que eu contei lá para a Regina, a colega que foi a cotia. Então a colega interpretou a cotia e eu fui contando a história como narradora. E aí a gente fez diferente nesse sentido. Chiaram? Até chiaram... Só que a gente falou: olha vocês podem vir para a biblioteca o tempo que vocês quiserem, a gente tem aqui a agenda aberta para vocês, é só marcar o dia e vocês podem ir toda semana. E daí duas professoras do CEI marcaram e toda quarta-feira elas vão. Às quartas-feiras à tarde elas levam as turmas delas. Então, foi o jeito como a gente encontrou para falar para elas “Olha, a biblioteca não é só contação de história, a gente não consegue abarcar do mesmo jeito que a gente estava abarcando antes, a gente vai fazer desse jeito, se vocês quiserem aqui marcar horários a gente pode marcar”. Então elas marcam horários elas vão lá e elas contam com o livro na mão.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Um colega de trabalho há um tempo tinha feito o curso de contação da Hans, e daí ele fez o semestre o curso de contação, e a ideia era que todas nós, depois eu e depois a colega, passássemos pelo curso. Aí eu passei pelo curso no semestre seguinte do João, e depois logo em seguida a colega engravidou então ela não fez o curso. E eu nem sei se ela vai fazer agora também, enfim, por causa da criança pequena, e tal. Mas também porque é muito longe, é na zona leste, no Tatuapé. E a colega... então... não é todo ano que eles fazem nas três. Antes eles tinham feito na Belmonte, na Narbal e no Tatuapé (bibliotecas públicas da Secretaria da Cultura), aí agora esse semestre não sei se foi só no Tatuapé. Eu sei que no meu semestre foi só no Tatuapé. Então eu fiz lá e gostei muito do curso. O colega que fez tinha gostado muito também. Eu nunca tinha contado uma história “de boca”, e esse foi um curso que abriu para mim essa possibilidade de poder contar e me sentir um pouco mais confortável de fazer isso fazendo o curso, do que se eu não tivesse feito. E daí também me fez pensar em inserir objetos, inserir barulhinhos, então escolhi algumas coisas que dá pra... comecei a enxergar a história com outro olhar que

não só o olhar de mediar através do livro. Então o curso foi importante para mim sim, para ter mais segurança nisso.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) A formação dos bibliotecários para esse tipo de contação de histórias... e para outras coisas também eu acho que a gente sai da faculdade muito cru. Eu nunca tive nada na faculdade que falasse... olha... como criar um projeto, por quanto tempo você pode persistir num projeto para ver se ele dá certo ou não, quais são os caminhos que vocês podem tomar no projeto se ele não está dando certo, vocês criar outra abordagem para ver se aproxima. Isso tudo eu fui aprendendo na prática, e eu acho que a maioria das pessoas (bibliotecários da rede) é assim, aprende meio que na prática, e eu acho que é ruim porque muitas pessoas, às vezes, que poderiam fazer muito mais acabam desistindo porque não apareceu público... então “ah, não apareceu público, então não vou fazer mais esse projeto”. Não! Talvez seja uma questão de época... talvez você tenha... Roda de Vestibular, por exemplo. Eu já tentei Roda de Vestibular no primeiro semestre e não deu certo. Porque? Porque vestibular o povo fica adoidado no segundo semestre e não no primeiro. Então eu percebi isso na prática e joguei as “Rodas” para o segundo semestre. A Rede de Leitura, que foi uma coisa que a gente fez de formação de mediadores da EMEF para o CEI e para a EMEI, surgiu depois da gente tentar vários tipos de projetos para a EMEF que não tinham dado certo. A gente tentou leitura compartilhada com a EMEF, que não deu certo. A gente tentou, enfim... Acabava parecendo uma coisa meio “chamada oral” de leitura que não era o nosso objetivo, não era para constranger crianças a ler na frente de todo mundo para ver se sua leitura está boa ou está ruim. Então a gente tentou, fez duas vezes isso, viu que não tinha dado certo, aí tentamos a Rede de Leitura, e a Rede de Leitura deu certo, mas é uma coisa que exige muito, porque precisa formar mediadores, então precisa dar meio que um “mini curso” de formação de mediador de leitura para crianças e depois a gente tentou o Bingo Literário que foi o que a gente acabou encontrando como “o projeto para EMEF”. É um projeto que mescla literatura com jogo, que é uma coisa que eles “super gostam”, o Bingo que é uma coisa universal, todo mundo sabe jogar, a gente só substituía as peças de números por livros. Então ao invés de cantar “bolas” a gente canta “livros” e acaba fazendo uma sinopse do livro ali, e quem já leu o livro a gente chama para contar para a gente o que achou do livro, o que lembra da história. Então a gente acabou transformando a atividade para a EMEF, depois de muitas tentativas, num Bingo Literário.

P.i) Em que medida as orientações (ou pressões) da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) Olha eu percebo... tenho percebido muito mais no último ano que nos outros anos. Porque a gente sempre teve uma diversidade de ações culturais e isso sempre foi o que me chamou atenção onde eu trabalho, porque nunca foi uma biblioteca de uma ação cultural só. Sempre teve ali, um cardápio para a pessoa poder escolher. Só que nos últimos tempos tem tido uma fala de que a DRE quer que a gente faça atendimento para o CEI e para EMEI, e não mais a EMEF. E aí o que a gente questionou foi, bom, mas a gente tem aqui um público diversificado, não é só crianças de zero a 6 anos, a gente tem público de 6 anos para cima, tem público adulto, tem público idoso também. Então a gente não tem de atender só CEI e EMEI. E eles querem que a gente atenda CEI e EMEI, porque de acordo com eles a EMEF já tem Sala de Leitura, então a EMEF não precisa da biblioteca. Só que o CEI e a EMEI também têm as atividades deles. Ali dentro da EMEI eu sei que tem livros, que tem um acervo próprio de cada sala. Dentro da linha do tempo deles eles tem um tempinho que eles mexem nesse acervo próprio deles da sala. Então o argumento não se justifica, mas é uma coisa que eu sinto sim.

P.j) Em que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Incentiva, sim. Atrai para o objeto livro, é ótimo, mas, sim, existem outras técnicas, muitas das quais já citei, e existem ainda muitas outras... que acabam sendo deixadas de lado. Isso não é bom.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) Até pelo fato de eles terem contratado esse monte de contação de história que eles colocaram nas bibliotecas... Por que não contratar uma pessoa que faça uma mediação de leitura diferente, por que não contratar uma pessoa que puxe um clube de leitura, uma pessoa que vá ali fazer uma roda de leitura para o vestibular, por que não contratar outros tipos de atividades. E eu sinto que existe uma coisa que prevalece mesmo em cima da contação de histórias. E isso não me parece bom.

Entrevistada: Bibliotecário 8, 33 anos. Trabalhou em CEUs da Zona Leste por 5 anos e está atuando em CEU da Zona Norte há 4 anos.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Eu fiz Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina e terminei o curso em 2007.

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Fiz pós-graduação, especialização em Gestão Cultural. Fiz o curso porque traz de maneira prática e teórica o desenvolvimento de um projeto cultural. O que auxilia na criação, elaboração e execução dos projetos da biblioteca, mesmo que sejam pequenos.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Bom, quanto às atividades desenvolvidas na biblioteca... eu não sei se vou conseguir responder, mas acho que ela tem que ser pensada junto com as unidades escolares, junto com os Núcleos (administrativos do CEU), considerando a região, o grupo de moradores, não simplesmente ações que venham de "vontade", que saciem o desejo do bibliotecário ou da Secretaria, quase um estudo de usuário (que normalmente a gente faz para desenvolver coleção, e que normalmente a gente de CEU acaba não desenvolvendo), mas eu acredito que as ações culturais, elas tenham que ser analisadas antes de serem colocadas no papel e depois executadas. Essa pergunta é muito complexa. Como devem ser as ações culturais? Eu penso que a biblioteca de CEU não pode se encaixar simplesmente como pública, ou escolar, ela é uma terceira coisa, que deve trabalhar tanto as ações de uma biblioteca escolar, que é orientação de pesquisa, como de uma biblioteca pública, que aí ela pode atingir tanto o público que está em idade escolar como o público que não está em idade escolar ou que não está na escola. Então essas ações tem que dar condições do leitor alcançar qualquer tipo de objetivo. Eu não sei se está claro isso. Mas de qualquer forma ela (a biblioteca) tem sempre que... por exemplo, no caso do público infantil, ela até vai chegar nessa questão escolar, de pesquisa e tudo mais, mas sempre pensando que as ações têm que dar condição desse leitor, por exemplo, no caso, infantil, atingir uma outra coisa que não é só a pesquisa. Ele tem que se tornar um pesquisador por vontade própria, entende? Eu não sei se você se lembra uma vez um exemplo que deram em um encontro de um garoto que... eu não lembro em que CEU foi... que tinha uma avó que estava doente e, como ele frequentava a biblioteca do CEU, que era a biblioteca que tinha, porque ele estudava lá, começou a estudar sobre a doença da avó. Ela estava com um problema no coração e ele

começou a entender melhor sobre isso, porque dentro da biblioteca deram condições de ele chegar até isso, e ele começou também a entender que a biblioteca era uma outra coisa além da pesquisa escolar. Na verdade, agora, pensando no público geral, a biblioteca deveria suprir o que o público quer, a demanda dele, real, e dar a ele condições de entender que pode usar a biblioteca para muitas outras coisas que não sabia que precisava e que conseguiria.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Eu acredito que a gente acabe fazendo muito “o que dá vontade”. Não vejo isso acontecer, de nós analisarmos o que é a necessidade daquele público e considerar o desejo dele, e enfim, fazer um estudo de como fazer ele se envolver nessas ações, enfim, saraus, clubes, oficinas. No momento atual, eu acredito que a visita monitorada tenta alcançar isso, mostrando que a biblioteca vai além das pesquisas e vai além da contação de histórias. Eu acho que isso mostra, por exemplo, para o público escolar, que é o público que costuma fazer visita monitorada, que a biblioteca existe com outras funções.

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Bom, a contação de histórias no CEU, pelo menos na minha visão, em alguns casos eu vejo que elas acontecem... em raros casos porque existe o interesse de professores e de pessoas que frequentam e que podem frequentar a comunidade do entorno, raras vezes pela questão de se trazer literatura realmente para as crianças, ou até do contato mesmo com histórias... de repente não precisa ser um conteúdo rebuscado. Mas de trazer para esse universo de biblioteca, de leitura, de literatura. Eu acho que isso é raro de acontecer. Eu vejo muito como um momento em que o professor pode descansar, pode, sabe, ficar despreocupado em ter que propor alguma coisa. Tanto que quando você fala “Você quer fazer uma visita monitorada?” eu sinto que isso é um pouco mais difícil das pessoas se interessarem. Agora quando você fala “Eu tenho uma contação de histórias para oferecer” as pessoas (os professores) vem, independente da qualidade daquela contação. Eu vejo como um “tapa buraco” de atividade escolar e também no Recreio nas Férias (atividade da prefeitura de São Paulo nos meses de férias oferecida nos CEUs), não se pensa que a contação de histórias tem que ter qualidade. É mais assim: “Tem mais uma atividade”. Independentemente se é contação, se é oficina. Mas as pessoas já ligam a biblioteca a “fazer contação”. Se a biblioteca falar que faz, sei lá, fogueira lá dentro, de uma hora de duração, então “olha, vamos lá para a fogueira de uma hora de duração”.

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) Bom, o serviço de contação de histórias, ele no momento estava acontecendo por contações oferecidas pela Secretaria da Educação aos finais de semana. E uma adesão mínima de público. Eu não sei se talvez fosse isso, estava sendo semanalmente aos finais de semana. O que a gente percebia era que o público que frequenta a biblioteca durante a semana que é escolar um público escolar, ele não vinha para essa contação, porque ele é um público que não mora no bairro, ele vem de perua (escolar) logo, eles não moram tão perto para no final de semana eles virem sozinhos ou até mesmo os pais trazerem. Então a gente fazia uma divulgação com a escola e o público que a gente recebia não era o público em sua maioria de crianças e pré-adolescentes que estudam aqui. Eu faço contação de histórias aqui muito esporadicamente, não é periodicamente. Acontece quando “dá na telha” e quando eu consigo marcar com as unidades, que tem sido um pouco difícil por conta do espaço físico que é limitado. Então eu preciso marcar contação normalmente quando eu sei que eu tenho uma pessoa (funcionários) para me ajudar a tirar mesas e cadeiras. E eu tenho sentido uma certa resistência de, por exemplo, quando se marca uma contação e tem uma outra atividade acontecendo no teatro, por exemplo, se opta por fazer essa outra

atividade. Então isso (suas contações) não tem acontecido com muita frequência. Bom, contando a frequência de pessoas que vieram para as contações da SME a gente teve entre 3 e talvez 11 pessoas. Foi por aí. Uma média de 5 pessoas por contação, digamos assim. Nas contações que eu proponho normalmente a gente recebe cerca de 20 a 25 alunos porque são turmas fechadas, e eu não sinto esse público retornar para outros momentos, e nem o público do fim de semana retornar à biblioteca porque veio assistir a contação no fim de semana e tal.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

R.g) Bom, para contar histórias, desde que eu comecei a trabalhar mais ou menos com isso, que foi quando eu comecei a fazer estágios, eu sempre procurei fazer cursos. Quando eu morava em Londrina era um pouco mais difícil porque lá não tinha essa oferta de cursos. Quando tinha eram cursos bem curtos, mas fiz alguns lá, quando eu ainda estava fazendo a graduação. Quando eu voltei para São Paulo eu comecei a procurar por cursos mais sérios, mais... não se se “conceituados” a palavra... e orientações... sim, leitura, vídeos no Youtube (mais importante site de vídeos na Internet), mas eu acredito que muita formação mesmo, muito curso, por conta, inclusive, que essa é uma coisa que... Estava até conversando hoje aqui que eu encerrei esse curso da Hans (Biblioteca Pública Municipal Temática em Contos de Fadas, Hans Christian Andersen), eu fiz o básico. Eu tive que abrir mão dos meus fins de semana para fazer o curso. Agora eu fiz o avançado, também peguei minhas folgas, meus abonos (faltas abonadas) para fazer esse curso. Que eu até pensei em negociar com a gestão (administração do CEU onde trabalha), de assinar e, de repente, conseguir uma liberação “oh, assino o ponto mas estou indo para o curso”. Só que eu também não queria “vender minha alma para o diabo”, então eu preferi usar as minhas folgas e abonos, e esse dois cursos que são ofertados pela Secretaria Municipal da Cultura (nem sei se isso cabe nessa resposta, mas é uma revolta) eles (os cursos) não valem com “evolução” (evolução dentro do quadro de carreira), então eu estou fazendo totalmente “por conta” sendo que a nossa Secretaria (a SME), os nossos gestores normalmente solicitam esse tipo de serviço. Eu faço porque eu gosto, porque eu acho que eu tenho que desenvolver melhor isso e tudo mais. Só que eu confesso que no momento essa questão burocrática, de se fazer a contação me dá um pouco de desânimo, e também ver um pouco como as pessoas enxergam a contação também me faz não contar às vezes de no espaço do CEU.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) Como percebo a formação dos colegas? Eu acredito que a formação dos outros bibliotecários... não que ela seja falha, mas ela (a contação de histórias) não faz parte da grade curricular, do currículo dos bibliotecários. Então a formação (em contação de histórias) só vai existir e vai ser efetiva naqueles bibliotecários que tem perfil para contação de histórias. Os outros, que acredito que são a maioria, a formação vai ser “zero”. Não existe porque não há o interesse. Não julgando isso numa forma negativa, mas como isso nem faz parte do nosso currículo eu acho que isso não é um problema. Não vai existir se não for em um profissional que tenha interesse por essa área.

P.i) Em que medida as orientações da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) A gestão pede, mas... Bom, essas contações que estão vindo, que vieram (da SME) nos faz pensar que temos sempre que arrumar espaço, precisamos da ajuda de terceiros para ter um espaço para contação de histórias. Porque não temos um espaço que já exista na biblioteca. A gente sempre tem de ficar tirando mesa, tirando cadeira, buscar público e tudo mais. Sobre a contação exigida que a gente faça... atualmente eu não sinto a SME pressionar para fazer isso. Então isso não influenciaria. Por parte da gestão

existe uma pressão para contações de histórias. O que sempre entra em discussão lá, é que às vezes eles pedem que isso exista com alguma frequência, mas eu não cedo. Até porque foi o que eu expliquei para eles, para gestão, que não dá para ficar semanalmente fazendo contações de histórias. Um motivo é porque exige um repertório muito grande, para você atender CEI, EMEI e EMEF, para isso acontecer semanalmente, e pensando que eu sou a única bibliotecária que faz contações de histórias. Outra questão é o espaço, que a gente também tem que ficar, a cada contação de histórias, carregando mesa, tirando mesa, como eu falei. E, para isso acontecer, por exemplo, tem que necessariamente ter pelo menos dois funcionários, então isso acaba influenciando até em escala de folgas, já que todos têm de trabalhar aos finais de semana e com isso têm direito a folga na semana. Talvez seja isso... porque não dá para estar todo mundo de folga, porque quem vai contar sozinho? Tanto porque tem essa questão de tirar as mesas do lugar, colocar as mesas no lugar como a necessidade de ter alguém no atendimento enquanto o outro está realizando a contação.

P.j) E que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Eu acredito que incentiva porque cria o interesse em reler aquela história. A criança tem interesse em reler, ela tem interesse em mostrar o que veio daquele livro... pensando que você faz uma contação com um livro que esteja no seu acervo. Mesmo que não exista o livro no acervo existe um estímulo de retornar... existe uma questão de quando você faz uma contação naquele espaço da biblioteca você o torna um espaço atraente, e faz com que a criança queira voltar, mesmo que ela não tenha um livro em foco para ir lá. Ou, às vezes ela até tem, porque no dia que ela vai para a contação há algumas experiências do tipo "Ah, hoje a gente vai ouvir história", "Ah, mas eu queria ler aquele que eu estou vendo ali", "Não, hoje não"... aí já existe um interesse de voltar porque quer ler aquele livro ali. Tem isso. E aí, nesse ponto ela (a contação de histórias) incentiva a leitura não só da criança. Porque essa criança, ela vai gostar de histórias, ela vai querer contar para uma outra criança, ela vai contar para um outro adulto, ou ela vai querer voltar naquele espaço, e ela vai precisar de um adulto para levar, e aí chegando lá esse adulto pode ser apresentado a outras leituras que não a infantil. Então acredito que isso seja um estímulo à leitura. Até é uma briga... Bem, não chega a ser uma briga, mas uma discussão com a gestão, quando eu falo que não tem como as contações acontecerem semanalmente porque demanda muito essa coisa de ter duas pessoas, essa coisa de tirar mesa de colocar mesa... e aí eles falam, "mas você pode usar outros espaços". E minha questão sempre é: não! Eu conto histórias porque eu gosto, eu conto histórias para estimular a leitura, mas eu conto também para promover a biblioteca. Porque a partir do momento que eu vou para outro espaço, principalmente para uma criança... é difícil para mim mas eu fico pensando muito em criança... eles tem muito... uma certa... não sei se é dificuldade, mas essa coisa de você ir na sala de aula contar, como que a criança vai saber que existe o espaço "biblioteca", que lá tem um monte de livro, que ele pode frequentar lá... então... eu nem lembro porque eu comecei a falar isso (risos)... O que hoje às vezes eu tenho em mente, por conta de gostar de fazer contação, é assim "ah, vou meio que "não ligar" para esse negócio de promover a biblioteca e vou contar história em qualquer outro espaço". As pessoas falam "Ah, não, mas aí você leva os livros da biblioteca". Tudo bem, pode ser um incentivo à leitura. Eu acho pensando bem, agora respondendo a sua pergunta. Existem vários pontos: existe promover a biblioteca, existe incentivar a leitura. Não seria um problema contar em um outro espaço que não seja a biblioteca. Eu não consigo alcançar talvez o objetivo de promover a biblioteca, mas incentivar a leitura eu posso, porque eu posso levar os livros para as crianças num espaço, posso contar. Então você faz uma ligação de um

momento prazeroso que foi ouvir aquela história, e ouvir aquela história me remete que as histórias estão em livros como aqueles que a pessoa trouxe e que eu vou querer ler, porque eu vou querer contar igual a pessoa contou, porque eu achei aquilo legal, eu quero fazer a mesma coisa. E aí entra uma outra questão que é o que é leitura, que não sempre, não necessariamente você tem que trabalhar o que está no livro. Você recontar aquela história é um tipo de leitura que você fez e que você está repassando... É meio louco... Quais outras técnicas ou ações?... Eu acredito que qualquer técnica ou ação que seja prazerosa. Eu acredito que a leitura compartilhada, tanto para adulto quanto para criança... cada um com o mesmo livro (mesmo título). Ou cada um, uma roda de leitura em que cada um leia um trecho daquele livro, ou a leitura em capítulos, que isso qualquer pessoa pode fazer. Então, por exemplo, tem um TEF (os professores do esporte que trabalham nas gestões dos CEUs) que faz... tem o pessoal lá da terceira idade. Todo dia, antes de começar a aula, ele lê um trecho de um livro ou uma poesia. Eu acredito que essa seja uma técnica, uma ação que incentive a leitura... outras... deixa eu tentar pensar. Acredito que escrever promova a leitura. Quando você incentiva a pessoa a escrever... O público comum mesmo, não o público super... que escreve, super... com formação e tudo mais. Mas... os concursos de poesia mesmo, como a gente fazia lá no Azul (CEU Azul da Cor do Mar), eu acredito que seja um incentivo à leitura, minimamente, mas ele é um começo. Porque quando você faz... você pede para escreverem, depois você expõe essa escrita, você fala “olha, aquele concurso que você participou, a sua poesia está ali”. Então as pessoas podem querer levar... outros para lerem a poesia dela, ela vai se interessar por ler e saber que outras pessoas também escreveram sobre aquela mesma temática e enfim, eu acredito que isso incentive. A leitura de livros que vivaram filmes... então quando você pega um filme... é uma coisa meio sacana... (risos), mas quando você pega um filme que está em alta e você começa a trabalhar em cima dele, de tentar fazer uma leitura daquele livro que foi inspiração para o filme... Penso muito no Roald Dahl (autor de livros infantis de grande sucesso), que todo mundo “Ah, Matilda”, “A fantástica fábrica (de chocolates)”, e às vezes, a pessoa chega na biblioteca procurando um livro, e você fala “Ah, você já assistiu A fantástica Fábrica de Chocolates?”, a pessoa “ah, assisti”, “ah, tem o livro”, a pessoa “Jura?!”. “ah, sabe “Matilda”? Tem o livro”, “Ah, é?”, “É, olha, tem esse aqui. Aí tem esse outro, que não virou filme. E tem esse outro”. Ai a pessoa fala “pô, mas eu gostei do filme, então muito provavelmente eu vou gostar do livro”. Eu acho que isso é uma ação: fazer uma ligação de filme e livro.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) Hmm... priorizar? No momento em que ela pareceu priorizar, que foi quando ela jogou essas contações aos fins de semana, eu não vi como positiva porque não me pareceu uma escolha visando a ação cultural, mas muito mais uma forma de exigir que as bibliotecas abrissem aos finais de semana, justificando que tinha atividade cultural, a biblioteca precisava estar aberta para receber isso. Não acho que eles pensaram nisso como ação cultural. E aí em bem isso de “isso não foi uma prioridade”, ou “isso não foi pensado por ser uma ação cultural”. Porque se fosse de fato uma prioridade, pensando nisso como ação cultural existiria o mínimo de estudo na escolha dos grupos de contação, das histórias, do melhor dia, do melhor horário... Mesmo que se justifique ao final de semana “a gente está fazendo para ganhar público”, ninguém pediu um estudo para saber se realmente isso seria o ideal para angariar o público. Então não foi uma prioridade visando uma ação cultural. Por isso eu vejo como negativo.

Entrevistada: Bibliotecária 9, 51 anos. Trabalha em CEUs da Zona Sul há 10 anos.

P.a) Em que instituição de Ensino Superior você fez o curso de Biblioteconomia? Há quanto tempo?

R.a) Me formei na Universidade de São Paulo, na Escola de Comunicações e Artes. Eu me formei em 1989... faz 30 anos...

P.b) Fez algum outro curso Superior (graduação ou pós-graduação)? Se sim Qual?

R.b) Não, não fiz.

P.c) Considerando os conceitos que envolvem as bibliotecas dos CEUs desde a origem (e mesmo os conceitos de biblioteca pública e biblioteca escolar), como você considera que devem ser o conjunto de ações culturais desenvolvidas nessas bibliotecas?

R.c) Eu acredito que as ações culturais devam contemplar rodas de leitura, contações de história e indicações de livros, e discussões de temas atuais e tenham destaque. E principalmente com os jovens e adolescentes a gente procurar envolve-los ou desenvolver, ações que contemplem os assuntos do interesse deles. Então a gente vê que, sabe, muitos livros que são adaptados para o cinema, aquelas séries, são de interesse dos jovens... e as crianças também, tem que ter um certo cuidado com o que escolher para desenvolver, para mediar. Mas eu acho que a maior preocupação na verdade é utilizar uma linguagem que consiga atingir o público desejado. Então nós trabalhamos com várias faixas etárias. A gente atua em um complexo educacional e o nosso público principal são os alunos das escolas. Então desde a educação infantil até o ensino fundamental 2, a gente tem aí uma gama grande de diferentes linguagens para trabalhar, diferentes maneiras de abordar esse público, e a mediação de leitura nesse caso fica bastante, eu diria até, complexa... complexa de uma certa forma, porque você tem que pensar em como esse público quer ser cativado. Hoje em dia você tem que se preocupar em oferecer não o que a gente acha que é correto, mas sim o que eles querem. Então primeiro a gente vai oferecer o que o público quer e aí vai aquela coisa da observação, de estar observando o seu público e percebendo o que é do seu interesse para oferecer. E através disso, e depois disso, aí sim você pode até estar introduzindo outros tipos de temáticas, outros tipos de linguagens também, e outros tipos de suportes... enfim. No caso dos jovens, no caso a gente tem que ter muito... uma percepção muito boa, porque é um público um pouco difícil de agradar, porque a gente concorre com muita coisa que é de interesse desse público. A começar pelas redes sociais, tecnologia, a própria TV a cabo (TV por assinatura), então existem... é muita concorrência. Então é um público bastante difícil de se cativar. Mas eu acredito que através dessa observação, esse trabalho de garimpar mesmo, o que é do interesse desse público a gente consiga. Com relação aos menores eu acredito que atividades lúdicas envolvendo literatura, narrativas, jogos literários... E para os menores ainda, eu acredito que a questão do estar com o livro em mãos, o objeto livro, o manusear, o folhear... O sentir, tudo isso atrai. E são ações culturais que eu acredito que possam ser atrativo nas bibliotecas de CEU que são ditas "híbridas", que atuam tanto como uma biblioteca escolar quanto como uma biblioteca pública.

P.d) Quais atividades estão diretamente envolvidas com a biblioteca em que você trabalha?

R.d) Bom, lá a gente procura desenvolver projetos que atendam o público escolar. Claro que não exclusivamente, mas, eu diria que 90 por cento das nossas ações são voltadas para este público. Até porque as ações ofertadas para o outro público, para a comunidade, não têm tido uma adesão muito grande. A gente sofre do problema de falta de quórum, e algumas ações acabam sendo abortadas logo no início por causa desse fator. A abordagem é boa, divulgação também, mas não há um interesse direto do público. Então, nós fazemos projetos para os bebês da CEI, que consiste em leitura em voz alta, pequenos grupos, num espaço lúdico, ambiente lúdico, com músicas relaxantes... pequenos grupinhos participam

dessa ação. Depois a gente tem atividades literárias para os alunos de fundamental 1 (turmas do Ensino Fundamental, nível 1, de 1º ano a 5º ano). Incentivando mais a escrita, desenvolvimento de textos, e a gente trabalha bastante poesia infantil. Então esse público seria mais isso. E com os maiores (ensino fundamental 2, de 6º ano a 9º ano) a gente faz muito jogos literários envolvendo leitura compartilhada, leitura de trechos de livros de autores consagrados, e roda de leitura, produção de diários e coisas assim, nessa linha aí. Mas, para os mais velhos a gente ainda não tem nada pensado assim. Como eu disse numa resposta anterior, é um público bastante especial, vamos dizer assim... Então a gente ainda está tateando aí algumas ações para 2019 a gente começar também trabalhar com esse público. Estamos estudando algumas ações que a gente possa vir a oferecer para eles.

P.e) Como percebe a atividade de contação de histórias nos CEUs?

R.e) Bom, com relação a atividade de contação de histórias eu percebo que há uma certa pressão, por parte da administração... da gestão, da coordenação de cultura, para que os bibliotecários desenvolvam essa atividade e ofertem, para as escolas, e para o público frequentador das bibliotecas. Porém, não são todos os bibliotecários que tem esse dom, essa desenvoltura para desenvolver uma atividade como essa, que não é assim uma coisa tão simples. Ela requer um certo jeito para a coisa. Requer um certo talento, eu diria. E não necessariamente a contação de história precisa ser desenvolvida por bibliotecários. Assim como um contador de histórias não precisa ser um bibliotecário, um bibliotecário não precisa ser um contador de histórias. Não há nada que diga, que nos obrigue a desenvolver essa atividade. Mas em alguns lugares a gente percebe que há essa pressão. Só que eu acho que o bibliotecário que se propõe a desenvolver uma atividade de contação de histórias tem que estar completamente seguro, consciente que ele vai fazer um bom trabalho, com riqueza, com recursos, enfim, com segurança. Se ele não tem, eu acredito que nem deva se enveredar por esse caminho. Porque é um trabalho muito bacana, é muito bonito, mas que tem que ter todo um conhecimento e um dom para isso. Eu vejo até como um dom artístico.

P.f) Como tem sido, na unidade em que você trabalha, o serviço cultural de contação de histórias?

R.f) Na nossa unidade não há desenvolvimento dessa atividade. Não fazemos contação de histórias porque nenhuma de nós se sente segura a ponto de ofertar uma atividade de contação de história que mereça ser apresentada. A gente não tem essa segurança, não temos jeito. Eu particularmente não tenho. Adoro! Acho muito lindo. Adoraria ter esse dom, essa desenvoltura, essa facilidade na comunicação com os diversos públicos através da atividade de contação de histórias. Mas, não tenho e nenhuma das outras minhas colegas de trabalho também não tem. Então o que acontece de contação de histórias geralmente é com algum voluntário que aparece por lá e oferta essa atividade, ou mesmo quando a gente percebe que a pessoa tem um talento nato... a gente convida para que a pessoa faça uma apresentação na biblioteca... E as contações que são contratadas pela SME. Então as únicas maneiras para atender essa solicitação meio que disfarçada em relação a isso são essas maneiras... Com voluntários, ou mesmo com funcionários... Nós tivemos uma A.T.E. (cargo de Auxiliar Técnico Educacional) que ela era muito boa, ela era uma pessoa muito comunicativa, expressiva. Ela gostava de desenhar, ela gosta de se expressar, ela gosta... então ela mesma fazia as fantasias, ou ela fazia seus adereços. E ela gostava. Ela gosta muito de fazer isso, então por um bom tempo ela desenvolveu uma atividade de contação de histórias na biblioteca e foi bastante interessante. E as crianças gostavam. Os professores traziam as crianças à biblioteca para assistir, participar da contação. E eu achava bem bacana porque? Ela sempre trazia uma história dos livros infantis, dos autores infantis, e o livro estava fazendo parte do cenário, isso o que eu acho uma coisa muito

importante. Só que foi por um período. Depois essa ATE se removeu para outro setor e aí essa atividade de contação de história começaram a ser mais esporádicas mesmo.

P.g) Como se preparou para iniciar nessa função de contação de histórias?

P.g) Bom, como eu disse, a gente não desenvolve, apesar de eu particularmente ter participado, ter assistido algumas palestras, ter participado de formações e cursos para contadores de histórias. Como não é o meu forte, não é a minha área de atuação eu, tudo bem, assimilei algumas coisas, mas outras eu sinceramente, não me serviram para muita coisa, porque eu realmente não me sinto apta para desenvolver uma atividade de contação de história.

P.h) Como percebe a formação do bibliotecário para atuar na contação de histórias?

R.h) Bom, quando eu me formei a gente teve lá a disciplina de Ação Cultural, a gente visitou várias Bibliotecas Públicas, e tivemos conhecimento de várias ações que eram desenvolvidas nessas bibliotecas. Nossa formação não foi voltada para desenvolver atividade de contação de história, mas para todas as atividades que podem de alguma maneira servir como mediação e incentivo à leitura. Não necessariamente uma contação de história. Então eu acredito que o bibliotecário nem tenha essa formação. Que é algo que ele possa obter mais para frente, mas, independentemente de ele ser bibliotecário. Porque eu conheço alguns profissionais de outras áreas, inclusive áreas exatas, área da saúde, que gostam de desenvolver trabalhos de contação de histórias, e mesmo nas horas vagas se organizam para que possam estar desenvolvendo essas atividades em bibliotecas públicas, em praças em parques. Mas, por gosto mesmo. Não porque a profissão deles exige que eles desenvolvam essa atividade. Assim como tem bibliotecários também que depois foram buscar uma formação mais específica nessa área. Mas a formação do bibliotecário não o prepara para ser um contador de histórias, até porque o bibliotecário não é necessariamente um contador. Assim como o contador de histórias não precisa ser um bibliotecário.

P.i) Em que medida as orientações da SME, por realização de contações de histórias, influenciam seu trabalho?

R.i) Bom, as orientações de SME, claro, nos direcionam na verdade para que a gente desenvolva esse trabalho de contação de histórias, mas não influencia muito o meu trabalho, porque eu acredito que a contação de histórias é apenas uma ação dentro de muitas ações de mediação de leitura que a biblioteca pode desenvolver. E a gente tem outros projetos. A gente foca em outras ações já que não desenvolvemos a contação de histórias em nossa biblioteca. A gente está sempre de olho em possibilidades. Quando existem pessoas que se interessam e se colocam a disposição para desenvolver um trabalho desses na biblioteca a gente está sempre receptiva e a gente dá todo apoio necessário para que essa ação aconteça. Mas a gente não toma a frente nessa ação, pelos motivos que eu já expliquei.

P.j) E que medida você acredita que as contações de história podem incentivar a leitura? Quais outras técnicas e/ou ações poderiam ser adotadas?

R.j) Eu acho que a contação de histórias é de uma certa forma uma ação que incentiva a leitura. Porém não exclusivamente. Não só porque eu não tenho perfil, mas a gente tem várias outras ações que podem fazer isso, como roda de leitura, roda de conversas temáticas, o livro como centro da conversa, jogos literários, tudo que foque a leitura a gente pode sim trabalhar de forma que incentive o leitor a querer conhecer melhor determinada obra. E eu até acho que a contação de histórias é uma atividade bacana que intensifica a contação, a tradição oral. Mas, não necessariamente pode ser um motivador para o leitor. É mais uma atividade de entretenimento, às vezes. Mas um ou outro vai se sentir aguçado em conhecer

histórias, para de repente ser também um contador. Mas eu não vejo como a principal atividade da biblioteca para atrair leitores.

P.k) Como você vê a escolha da SME em priorizar (ou não) a prática de contação de histórias como ação cultural nas bibliotecas dos CEUs?

R.k) Bom, a gente percebe que a SME realmente prioriza essa questão da contação de histórias, e ela acha que é um grande incentivador para o leitor. Que é algo que vai motivar o leitor. Mas eu acredito que existam outras formas de motivar o leitor por parte da secretaria, como por exemplo, manter acervos mais diversificados e atualizados. É, por exemplo, ter um acervo bastante atualizado, com livros de publicação recente, temas que são de interesse público, periódicos, jornais, revistas. Apesar das pessoas dizerem “Ah, através da internet você obtêm as notícias, as informações quase que em tempo real, etc.”. Mas existem pessoas que ainda não tem o acesso a internet. Embora pareça, não está tão massificado. Ainda existem pessoas, principalmente nas regiões em que as bibliotecas dos CEUs estão inseridas, que não tem esse acesso facilitado à internet, e gostam de pegar uma revista, um jornal e ler, se inteirar das questões atuais dessa forma. Então eu acredito que um grande incentivador para o leitor também seja um acervo atualizado.

APÊNDICE B – LEVANTAMENTO QUANTITATIVO ACERCA DA PROGRAMAÇÃO CULTURAL DAS BIBLIOTECAS DOS CEUs DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO ENTRE AGOSTO E NOVEMBRO DE 2018.

Atividades Culturais oferecidas nas Bibliotecas dos CEUs de São Paulo entre Agosto e Novembro de 2018		
Tipo de Projeto Oferecido	Quantidade	Porcentagem
Contação/Mediação realizada por Bibliotecários	242	21,70%
Contação de História contratada via SME	390	35,00%
Projetos com Jogos	49	4,40%
Mostras e Exposições	145	12,90%
Oficinas artísticas e Desenho	129	11,50%
Exibição de Filmes	26	2,30%
Sarau	33	3,00%
Concursos, Palestras e Troca de Livros	75	6,70%
Eventos Externos	28	2,50%
TOTAL	1117	100%
<i>Fonte: site da SME</i>		

APÊNDICE C – LEVANTAMENTO FEITO ENTRE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA CAPITAL DE SÃO PAULO E CIDADES PRÓXIMAS, QUE OFERECEM GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA (NOVEMBRO DE 2018)

Percentual das disciplinas relacionadas à atividades culturais nos cursos de Graduação em Biblioteconomia pesquisados				
Vinculação administrativa	Instituição	Duração do Curso Completo (em anos)	Disciplinas de Processamento técnico e Procedimento Administrativo	Disciplinas relacionadas a atividades culturais e habilidades direcionadas
Privada	Unifai	3	86,10%	13,90%
Privada	FESPSP	3	85,70%	14,30%
Privada	Puc-Camp	4	92,00%	8,00%
Pública	USP	4	85,40%	14,60%
Pública	UFSCar	4	85,80%	14,20%

Fonte: dados para calculo extraídos dos sites das instituições universitárias (2018)